

CADERNO DE LITERATURA

Porto Alegre - Novembro 2002 - Ano VI - nº 10

 AJURIS
Associação dos Juízes
do Rio Grande do Sul

capa

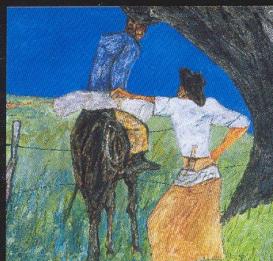


Foto: F. Zago - Studio Z

Encontro

Técnica mista: acrílico e óleo
70 x 70 cm
Acervo do autor

DANÚBIO GONÇALVES

Pintura do mestre Danúbio Gonçalves para iluminar esta edição do *Caderno de Literatura*. Pintor, desenhista e gravador, nascido em Bagé em 1925. Foi aluno de Burle-Marx e Portinari. Aperfeiçoou-se em Paris. Fundou, em 1951, com outros artistas, o Clube da Gravura de Bagé. Participou do Clube da Gravura de Porto Alegre. Privilegia a temática social gaúcha e desenvolve marcante atividade didática na capital do Rio Grande do Sul. Um dos principais artistas plásticos brasileiros da atualidade.

CADERNO DE LITERATURA

Presidente da AJURIS

José Aquino Flôres de Camargo

Vice-Presidente Cultural

Elisa Cánovas Teixeira

Diretor do Departamento de Cultura

Jorge Adelar Finatto

Conselho Editorial

Antonio Guilherme Tanger Jardim

Carlos Saldanha Legendre

Jorge Adelar Finatto

José Carlos Laitano

Paulo Porcella

Projeto Gráfico

Karin Kazmierczak

Diagramação

Gilnei Cunha

Fotolito e Impressão

Gráfica Editora Pallotti

Jornalista Responsável

Claudia Chiquitelli – Reg. Prof. 7572

Revisão

Niamara Pessoa Ribeiro

Estagiária

Cristiane Garbini

AJURIS

Rua Celeste Gobbato, 229 – 5º andar

Porto Alegre – RS – CEP 90110-160

Fone: (51) 3284.9000 – Fax: 3224.6844

E-mail: ajuris@ajuris.org.br

Tiragem: 25.000 exemplares

Distribuição gratuita

Apoio: Banco do Estado do Rio Grande do Sul

O *Caderno de Literatura* não é vendido, e todas as colaborações são feitas a título gratuito. É distribuído aos magistrados brasileiros e portugueses, a escolas, universidades, agentes e entidades culturais de diversos estados e países de língua portuguesa.

A memória cultural é nosso assunto.

sumário

A leitura da alma

José Aquino Flôres de Camargo 3

Correio 4

Contra vento e mar alto 5

Jorge Adelar Finatto 6

Banrisul: um banco público de sucesso 6

Artigos

Açores, uma literatura para pensar

Luiz Antonio de Assis Brasil 7

Em louvor de Carlos Drummond de Andrade

Alphonsus de Guimaraens Filho 12

Culta e feia

Adauto Suannes 14

O caminho de Santiago de Compostela

Carlos Alberto Alves Marques 16

Crônicas

Bustos

Maria da Soledade Sampaio 18

A garça e o dilúvio

Afif Jorge Simões Neto 20

Contos

Quesada

Alberto Crusius 22

Mãe e filho

Emanuel Medeiros Vieira 24

Galerias

Henrique Fuhro 21

Nathaniel Guimaraes 26

Ubirajara Lacava 30

Ensaio Fotográfico

28

Música

Dolores e Ciro

Tito Madi 31

Entrevista

Milton Gonçalves 32

Poemas

Silêncio no ateliê

Jorge Adelar Finatto 27

Visita / Subitamente / Os velhos

Armindo Trevisan 34

Pedras de Stockinger / Espantalhos de Portinari

José Eduardo Degrazia 36

Maikovski

Álvaro Alves de Faria 37

Elegia ao Kursk

Newton Fabricio 38

Deusa minha

José Nedel 38

Elegia à lesma

Carlos Saldanha Legendre 39

Pampa / Com chuva

Umberto Guaspari Sudbrack 40

À Corregedoria

Ítalo Pagano Cauduro Júnior 41

Beber

Selvino Heck 42

Princípio

Helena Jobim contracapa

a apresentação

A leitura da Alma

José Aquino Flôres de Camargo

A ciência do Direito só se realiza a partir de valores humanos. A luta histórica da AJURIS por um Judiciário forte e independente tem sido centrada na idéia de reafirmar os predicados da magistratura. É a crença de que eles são indispesáveis garantias da Sociedade. Aí entendida a figura do juiz como centro indissociável das mudanças noticiadas em nosso Estado de Direito, que só serão alcançadas pela efetivação das garantias básicas da cidadania asseguradas na Constituição Federal.

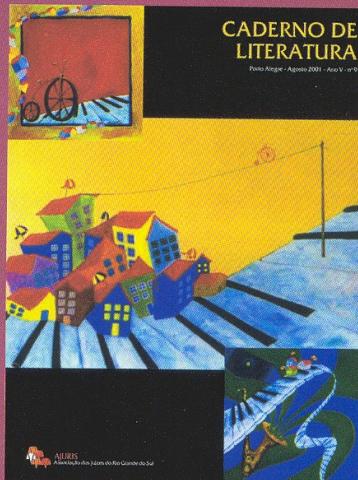
Talvez fosse difícil de entender a apresentação de um caderno de literatura com manifestações de caráter político-institucional. Mas isso se torna fácil na medida em que nos dedicarmos à leitura dos textos e à apreciação do trabalho artístico, observando o amor e a dedicação dos nossos autores às letras.

Certa feita, ao replicar resposta do fidalgo Dom Diogo sobre os próprios filhos, tendo este lamentado que o único herdeiro era tão embebido na poesia que não era possível fazê-lo arrostar a ciência das leis, que ele quereria que estudasse, Dom Quixote sacramentou: "... segundo opiniões sensatas, o poeta nasce poeta, e com essa inclinação que o céu lhe deu, sem mais estudo nem artifício, compõe coisas que fazem verdadeiro quem disse: *est Deus in nobis*. (...) Em conclusão, senhor fidalgo, entendo que Vossa Mercê deve deixar seguir seu filho a estrela que o chama, que, sendo ele tão bom escolar como deve ser, e tendo já subido felizmente o primeiro degrau das ciências, que é o das línguas, com elas subirá por si ao cúmulo das letras humanas, que tão bem parecem num cavaleiro de capa e espada, e o adornam, honram e o engrandecem como as mitras aos bispos, ou como as garnachas aos jurisconsultos peritos. Ralhe Vossa Mercê com seu filho se fizer sátiras que prejudiquem as honras alheias e castigue-o e rasgue-lhas; mas, se fizer prédicas à moda de Horácio, em que repreenda os vícios em geral, como ele tão elegantemente o fez, louve-o, porque é lícito ao poeta escrever contra a inveja e dizer nos seus versos mal dos invejosos, e contra os vícios, sem designar pessoa alguma". E, adiante, arremata o sábio Dom Quixote: "Se o poeta for casto nos seus costumes, sê-lo-á também nos seus versos; a pena é língua da alma: como forem os conceitos que nela se gerem, assim serão os seus escritos ...".

Através da milagrosa arte das letras, é possível ver-se a alma dos homens. E o Caderno de Literatura nos aproxima do juiz-gente, responsável pelas virtudes que equilibram a natureza. E, nesse mister, o nosso homem certamente está compromissado com a ética social, consciente da necessidade de fazer da arte um instrumento de encurtamento das desigualdades, veículo de construção de uma sociedade mais justa.

Espero que todos tenham bons momentos de leitura, mergulhados no espírito do artista.

José Aquino Flôres de Camargo é Presidente da AJURIS
e Desembargador do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul.



Além da categoria editorial impecável, penso que os *Cadernos* são revistas especiais e incomuns pelo patamar de sensibilidade que preside suas páginas. Nelas acontece uma harmonia tão encantadora entre as escolhas de textos e demais linguagens que o leitor realmente se comove.

**Ligia Militz da Costa
Santa Maria – RS**

Venho trazer o meu efusivo abraço pela excelência do *Caderno de Literatura* nº 9, dedicado a Tom Jobim. O texto “Antônio Brasileiro entre o Guaiá e Ipanema” é precioso. Fiquei sensibilizado, inclusive porque o inesquecível Tom é mostrado como ecologista, que também sou. A revista é antológica! Só o pessoal pioneiro do Rio Grande do Sul poderia fazer algo de tamanha envergadura e consistência. Um abraço do colega e amigo

**José Renato Nalini
Vice-Presidente do Tribunal
de Alçada Criminal de São Paulo**

Estamos conhecendo agora essa excelente publicação literária, que se apresenta de maneira impecável tanto na forma como no fundo.

Difícil destacar esta prosa ou aquela poesia, constituindo-se em agradável surpresa o poema de Jorge de Oliveira Jobim, pai do famoso Tom Jobim, de tantas glórias da música brasileira.

É um desfile de ótimas matérias, postas em moderna diagramação e acompanhadas de muito boas ilustrações.

**Arnaldo Setti
Diretor da Revista Meya Ponte
Pirenópolis – GO**

Mais uma vez delicio-me com o *Caderno de Literatura*. Alivia nossos momentos tensos, alegra nossos corações e sensibiliza nossa alma sedenta de poesia.

Parabéns.

**Juíza Maria Francisca dos Santos Lacerda
Vice-Presidente do TRT-ES**

Meus caros colegas: a revista está linda e vocês estão de parabéns.

**Myriam Medeiros da Fonseca Costa
Magistrada – RJ**

Tenho recebido regularmente o *Caderno de Literatura* e me admiro do esmero da publicação e nível de seus textos. O nº 9 de agosto de 2001 está excelente. A homenagem a Tom Jobim foi muito oportuna.

Obrigado e parabéns.

**Renato J. C. Pacheco
Magistrado aposentado – ES**

Quero parabenizar todos os que fazem o *Caderno de Literatura* pela excelente edição do mês de agosto/2001, tanto pelo editorial, abrangendo a vida de Antônio Carlos Jobim e sua família, como pelos demais artigos e seletos poemas.

**Maria Lúcia de Pontes Galvão
Olinda – PE**

Parabenizo a Ajuris pela edição do *Caderno de Literatura*. Nas edições que recebi, li excelentes editoriais, artigos, narrativas e poemas, que demonstram a cultura da magistratura rio-grandense. Espero continuar sendo contemplado com as futuras edições e com isso adquirir mais cultura.

**Adenir Pereira da Silva
Juiz Federal
São José do Rio Preto – SP**

O *Caderno de Literatura* nº 9 está excelente, principalmente pela matéria que trata de Tom Jobim. Os meus cumprimentos.

**Argemiro João Razera
Juiz de Direito aposentado
Assis – SP**

Meus mais efusivos cumprimentos (agradecidos) por incluir-me entre os afortunados assinantes do *Caderno de Literatura*, publicação de altíssima qualidade, especialmente pelo conteúdo de suas matérias.

Parabéns aos responsáveis.
Muito cordialmente,

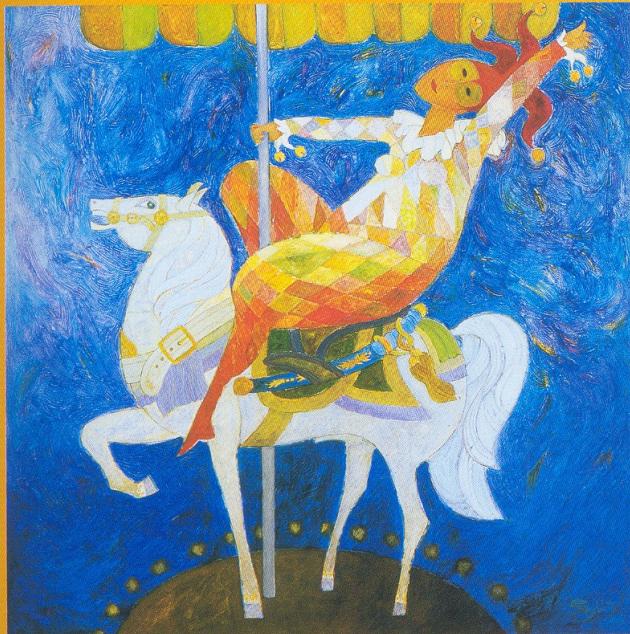
**Sérgio Levy
Curitiba – PR**

editorial

Contra vento e mar alto

Jorge Adelar Finatto

Foto: F. Zago - Studio Z



Arlequim no Parque de Diversões, 1996
Obra de Nelson Jungbluth
Técnica: acrílico sobre duratex
120 x 120 cm

Jobim, Radamés Gnattali, Heitor Saldanha, Edu da Gaita, Moacir Santos, Baden Powell, Portinari, Cartola, Paulo Corrêa Lopes, Jamelão e tantos outros?

Em que continente, em que limbo se escondem?

A revista retorna com alegria ao convívio de seus leitores, após um período de recolhimento. Agora com o apoio institucional do Banco do Estado do Rio Grande do Sul, que demonstra com sua presença o apreço pela cultura e por todas as pessoas que recebem gratuitamente a publicação.

O compromisso destas páginas é abrir espaço para a nossa gente, destacar o seu pensamento, a sua emoção, a sua arte de viver e de representar o mundo em que vive. Essa a razão de ser do *Caderno de Literatura*, que é seu, estimado Leitor, e que é de todos e para todos.

Jorge Adelar Finatto é Diretor do *Caderno de Literatura* e Juiz de Direito em Porto Alegre - RS. Correio eletrônico: finatto@tj.rs.gov.br

Banrisul

Banrisul: um banco público de sucesso

ACOMPANHAR a história do Banrisul nesses últimos três anos e meio é resgatar uma trajetória que prova que um banco público pode ser viável economicamente e competitivo, sem esquecer seu foco principal, que é ser um banco social. Revertendo resultados negativos e o sucateamento das suas agências e equipamentos que o condenavam à privatização, o Banco adotou estratégias audaciosas, deu a volta por cima e hoje comemora resultados positivos que reforçam a sua posição como uma das instituições financeiras mais importantes do Estado.

Cumprindo a sua principal missão, que é ser um banco voltado para o desenvolvimento da sociedade, nesses três anos e meio o Banrisul liberou mais de R\$ 631 milhões para a agricultura. Aos hospitais, às universidades e às pequenas e microempresas foram destinados R\$ 1,07 bilhão em linhas de crédito. Essas iniciativas demonstram o papel diferenciado e vital que um banco público assume na economia local, potencializando o seu desenvolvimento através da democratização do crédito e do incentivo à sua população.

A preocupação com o desenvolvimento e a inclusão social também estão presentes nos principais produtos do banco, como a Conta Melhor Idade, a Conta Cidadania, a Poupança Casa Própria e o Cartão do Servidor Público RS Banrisul, que foram criados para garantir o acesso ao sistema financeiro, a democratização dos serviços bancários e o direito à cidadania. Com o Banrisul Público, todos ganham!

Compromisso com a Cultura

Ações na área cultural foram incentivadas pelo banco, através de sua participação em uma série de eventos que instigam o conhecimento à cultura regional, nacional e mundial. De 1999 a 2001, os investimentos em projetos culturais no Estado ultrapassaram R\$ 4,2 milhões. No mês de junho, em parceria com a TVE e a Fundacine, o Banrisul apresentou o projeto *Histórias do Sul*, que deverá exibir em breve, na televisão educativa, cinco curtas-metragens em vídeo contando histórias de autores gaúchos. Cada vez mais prestigiado pelas escolas estaduais, municipais e particulares do RS, o *Concertos Banrisul para a Juventude* reuniu em três anos mais de 18 mil crianças e adolescentes no Theatro São Pedro, que

assistiram a obras clássicas e eruditas. No ano passado, o Banrisul patrocinou o livro *Que as armas não falam*, dos jornalistas Duda Hamilton e Paulo Markun, o qual retrata o duro período da história gaúcha e nacional na época da Legalidade, em 1961. O grande evento internacional de Passo Fundo – a *Jornada de Literatura*, que reúne escritores do mundo inteiro em um rico debate com a participação de alunos, professores, escritores e comunicadores – também contou com o apoio do Banco do Estado. Esses quatro projetos são apenas uma mostra, entre tantas outras - como a Feira do Livro de Porto Alegre, Festival de Gramado - Cinema Latino e Brasileiro, Festival Internacional de Bonecos, de Canela -, da parceria e do envolvimento do Banrisul com a cultura.

Acervo Banrisul

Em sua sede, localizada junto à agência Central, mais de 70 obras de artistas gaúchos estão expostas pelos corredores e salas do quarto andar do prédio. São tapeçarias, quadros e esculturas de artistas famosos, como Vasco Prado, Iberê Camargo, Alice Soares, Clébio Guillon Sória e Nelson Jungbluth. Destes dois últimos, há quatro obras de cada um. Sória – que retratava o gaúcho em suas pinturas – é conhecido no mercado de artes nacional por integrar em suas belas obras o visual do Rio Grande do Sul. Os trabalhos do gaúcho de Bagé estão expostos no Salão Nobre do Banrisul. Os murais da estação Trensurb também são de sua autoria. Já o trabalho de Jungbluth, artista plástico nascido em Taquara, é facilmente identificado pelos cavalos retratados em sua pintura – característica da temática do autor. No saguão da diretoria, diversas esculturas encontram-se expostas em uma vitrine, como a do típico gaúcho - feita por Vasco Prado e presenteada ao banco em 1978, quando completou 50 anos.

O Banrisul também mantém um museu na Casa de Cultura Mário Quintana – recém-reinaugurada – com exposição das máquinas e equipamentos que fazem parte da história do banco. A consciência do Banrisul e o valor dado às obras e atividades culturais que enfocam a nossa história são amplamente acolhidos e apoiados pela instituição. É com este vigor e transparência que pretendemos continuar tornando pública e cada vez mais forte a nossa história e a nossa cultura.

artigo

Açores, uma literatura para pensar

Luiz Antonio de Assis Brasil
Fotos de Eduardo Tavares

OS Açores povoam nossa memória afetiva. De lá vieram os povoadores do Rio Grande do Sul. Tem-se, assim, uma idéia algo romântica, simbolizada por um arquipélago português perdido em meio ao Atlântico Norte. Poucos sabem que – por exemplo – Ponta Delgada, a capital da Ilha de São Miguel, possui uma universidade, uma orquestra, vários corais, museus, galerias de arte, rádios AM e FM, dois jornais diários, semanários e revistas. Enfim, um espaço de cultura e civilização. Talvez isso já bastasse para refletirmos, mas acrescentaríamos que os Açores possuem uma literatura muito mais antiga do que a nossa, e que começa já no século XVI.

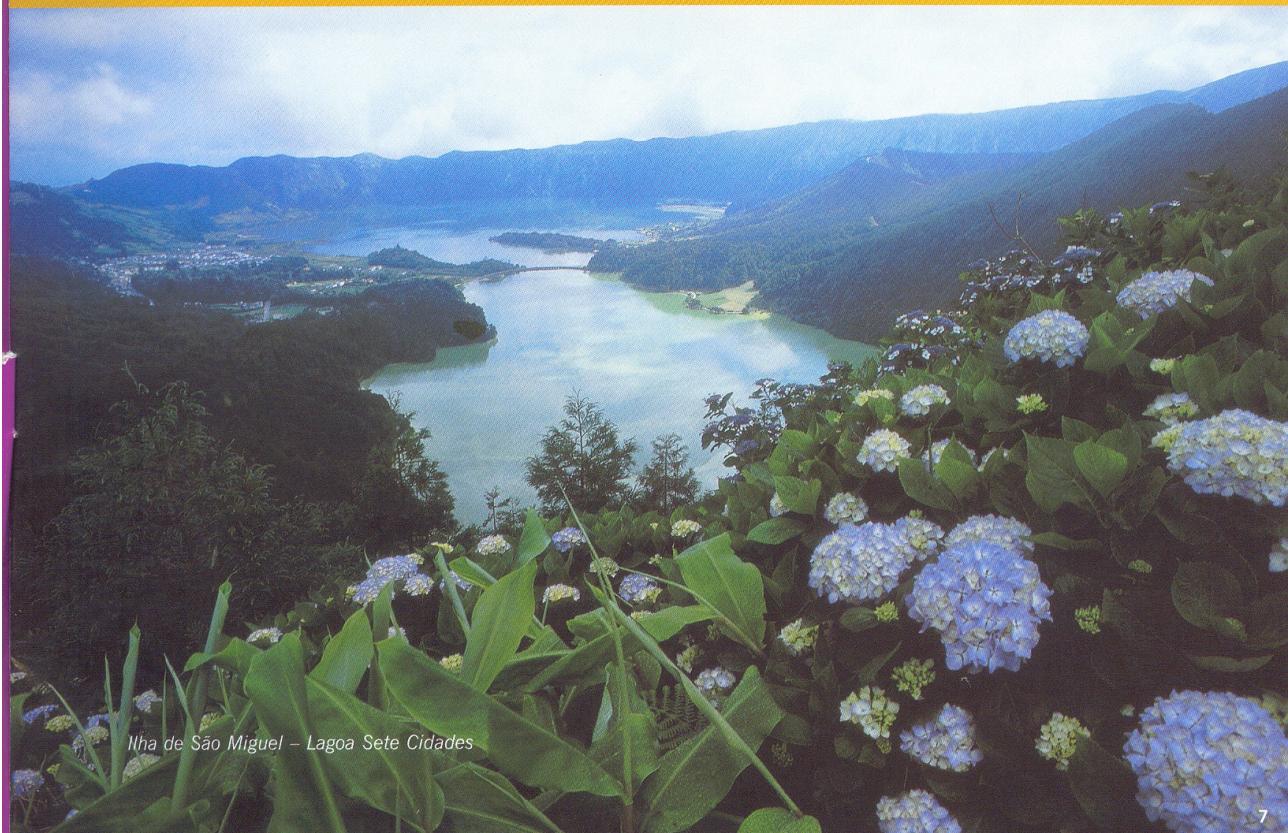
Por razões profissionais, tenho dedicado uma aten-

ção muito próxima aos romancistas que surgiram após a Revolução dos Cravos (1974).

Do que falam esses narradores? Basicamente de quatro coisas: da açorianidade, da guerra colonial, da emigração e da consciência insular. É o que pretendo ver, de modo sumaríssimo.

A açorianidade

A produção literária açoriana erigiu-se a partir de uma visão própria do mundo e da sociedade, inconfundível com o modo de ser português-continental, e que o escritor português-açoriano Vitorino Nemésio definiu como



Mar com poeta dentro

Álamo Oliveira

O corpo da ilha não tem nome
Próprio de quem se rodeia de orvalhos antigos.
Quando navega não tem
Rumo nem destino.
No cais a penumbra branca desce
Sobre a viagem adormecida.

Desconhece-se que poeta foi ver o mar por dentro.
Mas sabe-se quem grafitou com sonhos
Os muros da solidão.

açorianidade – termo não isento de uma certa imprecisão, mas compreensível quando se percebem algumas recorrências; mas mais do que isso: quando se identifica um modo açoriano de tratar essas recorrências. Inevitável afirmar: a açorianidade traz seu particular orgulho pela situação de ilhéu, que faz com que o açoriano reivindique para si uma própria escala de valores éticos e sociais, distinta da do Continente. Seria incorreto chamar de bairrismo a esse sentimento, pois transcende em muitos aspectos. Unida a esta idéia da açorianidade, e quase se confundindo com ela, situa-se a questão da insularidade, que ultrapassa o estritamente literário. É um sentimento que se expressa pela distância, pela nostalgia, pela contemplação melancólica da paisagem, dos garajaus que voltam todo o ano, da bruma que tudo obscurece, do mar quase sempre crespo, das tempestades, das nuvens densas e baixas do inverno, do azorean torpor. Significa

uma espécie de resignação às inclemências e dificuldades da vida insular, algo indizível, mas profundamente experimentado. Como assinala o mesmo Vitorino Nemésio em Corsário das Ilhas:

Tudo para o ilhéu se resume em longitude e apartamento. A solidão é o âmago do que está separado e distante.

A guerra colonial

A presente geração de escritores não passou ao largo dos conflitos coloniais em África (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau), deflagrados pela política de Salazar; muitos envolveram-se diretamente na guerra, e as marcas são visíveis no sofrimento das personagens, o que significa, a seu tempo, o sofrimento do povo açoriano, cuja juventude foi mobilizada para a luta. Levados a um ambiente adverso, na certeza da derrota e não acreditando nas autoridades de Lisboa, foram vítimas de um processo de brutalização em que poucos sobreviveram emocionalmente. A personagem-narradora de *Ciclone de Setembro* (1985), de Cristóvão Aguiar, bem fala da circunstância do afastamento produzido pela guerra:

A tarde é uma fornalha ateada de silêncio que os minúsculos ruídos da mata envolvente escavam ainda mais fundo, baloçam-se as viaturas como se navegassem em mar ruim. Por duas vezes paramos com problemas de motor e de pneus. / Estou arrependido de tão cedo ter saído da ilha.

Já no romance *Até hoje: Memória de cão* (1988),

Os Açores



O Arquipélago dos Açores – descoberto no século XV por navegadores portugueses – situa-se em pleno Atlântico Norte, a 1200 Km de Lisboa, e é constituído por nove ilhas: Santa Maria e São Miguel (grupo oriental); Terceira, Graciosa, Pico, Faial e São Jorge (grupo central); Flores e Corvo (grupo ocidental). A população total ronda os 270.000 habitantes. Sua economia tem entre seus pontos fortes o turismo, a pecuária leiteira e de corte, bem como a exportação de cítricos, laticínios e ananases. Sob o aspecto político, os Açores são uma região autónoma de Portugal, sob sistema parlamentarista; a Presidência do Governo Regional situa-se em Ponta Delgada e a Assembleia Regional, na Ilha do Faial. A administração da Justiça insere-se no sistema judiciário português. O meio monetário circulante é o escudo português. Telecomunicações avançadas, TV a cabo e aeroportos internacionais bem equipados estabelecem o contato com o exterior, e uma empresa aérea regional – a SATA – faz o transporte de passageiros e de carga entre as ilhas e entre estas e o Continente.

de Álamo Oliveira, a guerra se apresenta como espaço de sadismo, onde a sensibilidade é submetida a uma negação forçada e cruel. O mesmo espírito preside *Autopsia de um mar em ruínas* (1984), de João de Melo, no qual há a pergunta: por que, em que nome, em que lugar e tempo aquelas coisas podiam acontecer ainda?

A emigração

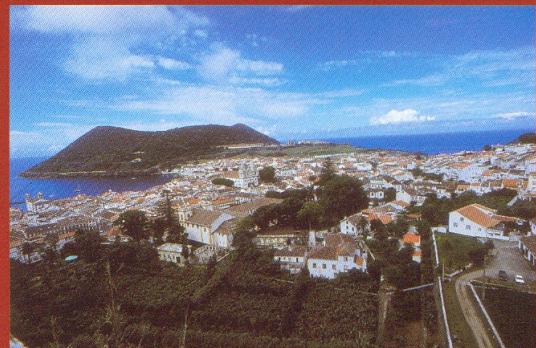
O Arquipélago conheceu, desde épocas remotas, esse fenômeno socioeconômico. Grandes contingentes humanos tiveram de deixar as ilhas, levados pelo excesso demográfico ou pelo inóspito das condições de uma natureza de escassos solos disponíveis para a agricultura e a pecuária. Vieram para o Rio Grande do Sul no século XVII (o curioso é que apenas os historiadores açorianos sabem disso; a população em geral ignora), e no século XX foram para os Estados Unidos e o Canadá. Essa última onda emigratória faz com que surjam constatações patéticas: há mais açorianos nos Estados Unidos do que no próprio Arquipélago. Em geral os emigrantes assumem atividades subalternas, mas alguns alcançam uma incontestável prosperidade depois de um tempo – prosperidade que, diga-se, dificilmente atingiram em sua pátria de origem. Ganha-se em posição, mas a volta é dolorosa: é a falta de referências, é a perda de um lugar no mundo. No romance *Imitação da morte* (1982), de Martins Garcia, diz o narrador, ao pensar no desenraizamento da personagem emigrada Antônio Cordeiro:

Um frio profundo arrepia-te a nacionalidade – esse sobretudo frágil que jamais te confortou. E quando o vento passa a soprar do Atlântico, sonhas com uma pequena lágrima – é mentira – capaz de responder a ilhas e sargaços, águas, águas, águas, milhares de léguas aquáticas onde não encontraste sepultura.

A consciência insular

Trata-se de uma expressão controversa, porque de início temos de excluir o regionalismo, limitante, conservador e passadista, cingido pela intenção apenas documental. Tratamos,

Ilha Terceira
Angra do Heroísmo



Ilha do Corvo



Rosais da Ilha de
São Jorge



Ilha de São Miguel
Ponta Delgada



Do oceano trouxe o mito

Madalena Férin

Do oceano trouxe o mito as tempestades
Marés e vento ondinhas e sereias
Do oceano trouxe a intensa escuridão
Da Atlântida diluída em minhas veias

Do oceano trouxe garças e procelas
Do poeta herdo a angústia que me acorda
Do oceano trouxe o ritmo que regressa
Sempre ao cais de onde parto a toda hora

aqui, de uma apreciação crítica da realidade açoriana, quase um olho externo, que vê e que julga mediante desejável distanciamento. É importante observar que o Arquipélago – dada a situação de meio-do-mundo, ponte entre continentes, e considerando sua geografia áspera, onde não são raras as manifestações vulcânicas e os abalos de terra – estimulou a imaginação dos europeus antigos, que deram explicações fantásticas quanto à sua origem, chegando ao ponto de considerar os Açores como restos da antiga civilização da Atlântida. Esse rico imaginário necessariamente produziria suas consequências literárias, e observamos que mesmo os escritores insulares do período

pós 25 de abril referem um passado de lenda.

A marca que viria a definir o *Leitmotiv*, de José Martins Garcia – que de resto pode ser estendida a inúmeros escritores açorianos – atrevemo-nos a caracterizar como uma estética da permanência. Nas ilhas, “nada acontece”, isto é: o que acontece hoje, inclusive o medo, vem de outras eras. Os ritos tratam de sacralizar o costume.

Aparece, em *Contrabando original*, um exemplar resumo do que falamos:

O ano-novo não era um novo ano; era uma cantoria igual à de todos os anos. Todos os anos se matava o porco, o mesmo porco. Todos os anos nascia o mesmo Menino Jesus depois das mesmas novenas. E todos os anos, serif esperança de escapar ao destino, o Menino nascia, ia ao Templo dar uma lição aos doutores (e os mesmos doutores nunca aprendiam a lição; estavam sempre em estado de ignorância e o menino ensinava-lhes inutilmente a lição de sempre), pregava, aturava o Demônio e suas tentações, era vendido por Judas, negado por Pedro e morria na cruz, entre dois ladrões. (...) Todos os anos se semeava o mesmo milho (...) se rapavam as mesmas vinhas (...) se bailava a mesma chamarrita, se tosquia a mesma ovelha (...) e tudo sempre em ciclo e círculo até que Deus viesse com o ponto final.

Em outras palavras: o pequeno ambiente da Ilha sonega a seus habitantes a possibilidade da mudança. É um mundo sem cores, destinado a sucumbir na ignorância e na repetição

Açores 250 anos



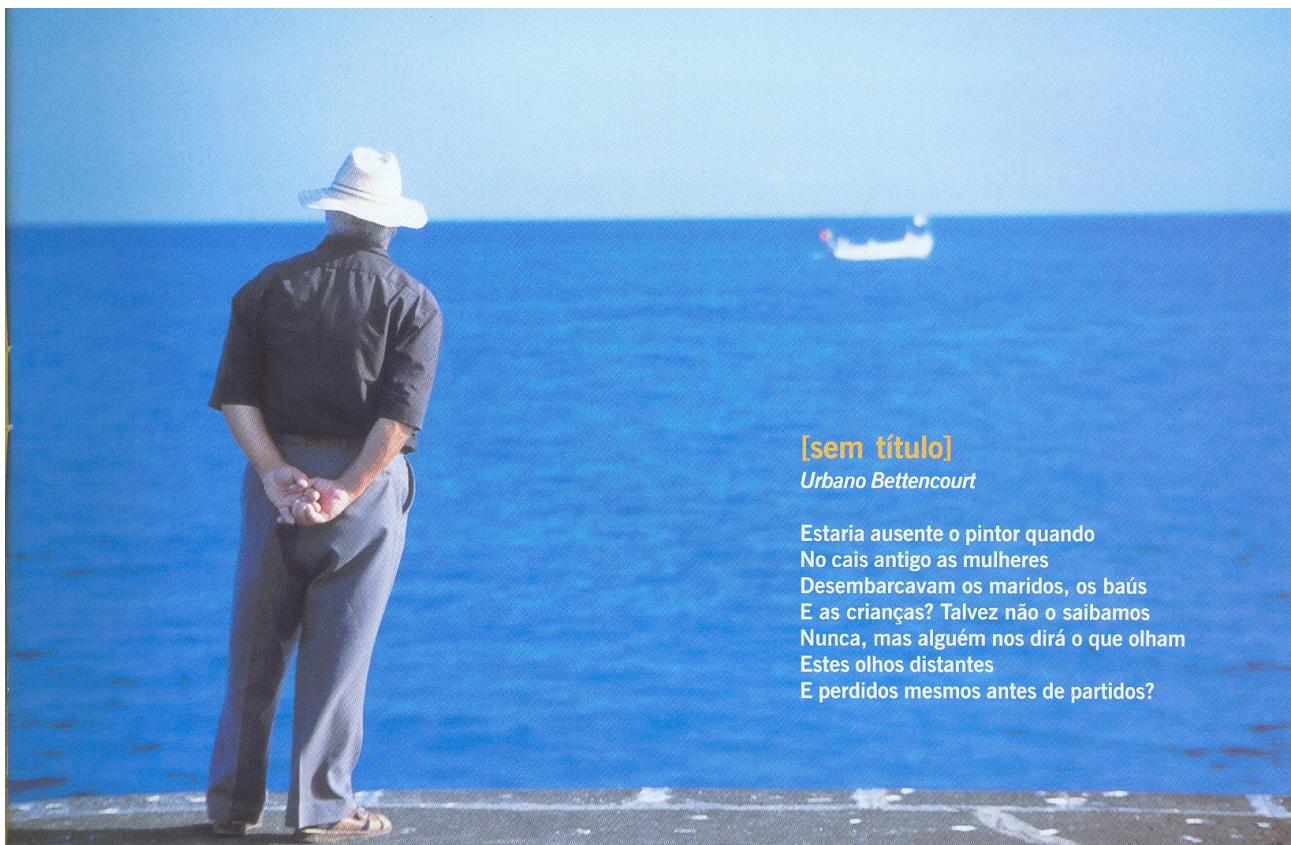
Ilha Terceira - Angra do Heroísmo
Festas Sanjoaninas

Como bem diz o escritor Assis Brasil, os açorianos não sabem que o Rio Grande do Sul está no mapa da diáspora açoriana. Poucos gaúchos, também, têm a exata dimensão da influência açoriana na gênese cultural rio-grandense. Neste ano comemoramos 250 anos da chegada dos primeiros “casais d’El Rey” na vila de Itapoã, atual Viamão. É uma data oportuna para incrementarmos o intercâmbio cultural com os Açores para que as novas gerações conheçam melhor nossas raízes e cristalizem sua identidade. Fotografei oito das nove ilhas que compõem o Arquipélago e me surpreendi com a quantidade de traços gaúchos na paisagem cultural açoriana. Da dança do pezinho à Festa do Divino, passando por estradas decoradas com hortênsias. Sem falar na hospitalidade, que, descobri, foi um ensinamento açoriano.

Eduardo Tavares



Ilha do Pico
Procissão do Espírito Santo



[sem título]

Urbano Bettencourt

Estaria ausente o pintor quando
No cais antigo as mulheres
Desembarcavam os maridos, os baús
E as crianças? Talvez não o saímos
Nunca, mas alguém nos dirá o que olham
Estes olhos distantes
E perdidos mesmos antes de partidos?

Ilha de São Miguel – Vila Franca do Campo

daquilo que já os avós repetiam desde todas as eras, todos os tempos; a Ilha, assim, assume seu papel de cárcere imobilizador.

Essas características da literatura açoriana, entretanto, estão a ganhar novas cores a partir do ingresso de Portugal na Comunidade Européia. É bem possível que as preocupações habituais sejam substituídas por outras referentes à perda da identidade cultural do Arquipélago. É o outro lado da moeda: adere-se a uma poderosa superestrutura econômica, mas em troca dá-se nosso quinhão de individualidade.

Vamberto Freitas, professor e crítico açoriano, ao estudar a obra *O homem suspenso*, de João de Melo, diz-nos: "...se o fim da história convém aos mercadores e fazedores de coisas, a alma humana resiste por todos os meios e particularmente pela arte à banalização da nossa humanidade". Depois, afirmará:

O que está a acontecer em Portugal, hoje, em muito se assemelha à nossa condição de imigrante no exterior: que lugar ocuparemos na Grande Europa, como nos "defenderemos" do inevitável "assalto" cultural (visto que somos um país com grande número de analfabetos sem conhecimento de sua tradição literária ou erudita), como lutaremos pelo que merece ser defendido da nos-

sa herança nacional e o que devemos adotar "dos outros"?

E dá-nos a resposta: Só uma comunidade viva e culta, devidamente informada, poderá desfrutar desses gigantescos desafios da globalização da humanidade em curso e fazer frente a eles.

Essa é uma dúvida que atinge não apenas os Açores, não apenas Portugal, mas todas as nações que compõem o novo bloco político. O futuro dirá se estavam certos.

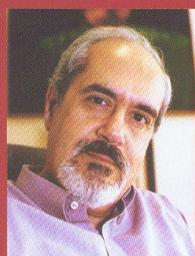


Foto: Gil Caffaro Gosc

Luiz Antonio de Assis Brasil é um dos mais importantes romancistas brasileiros. Autor, entre outros, dos livros *Videiras de Cristal* e *Cães da Província*, ambos pela Editora Mercado Aberto.

Em louvor de Carlos Drummond de Andrade

Alphonsus de Guimaraens Filho

EM trinta e um de outubro de 2002, tivemos o ápice das homenagens que neste ano estão sendo rendidas ao inesquecível e incomparável poeta Carlos Drummond de Andrade, que, naquela data, nascia há cem anos na cidade mineira de Itabira. Cidade que ele nunca esqueceu, que celebrou nesse admirável poema *Confidência do Itabirano*, do seu não menos admirável livro *Sentimento do Mundo*. Diz a primeira e expressiva estrofe:

*Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida
é porosidade e comunicação.*

Para assim concluir o poema, autêntica obra-prima:

*Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!*

Curiosa, para os Guimaraens mineiros, a ligação que se estabeleceu entre eles e Drummond. Este nunca deixou de se manifestar sobre Alphonsus de Guimaraens. Admirou-o e estudou-o sempre que pôde. Quando do apagamento, em 1960, da *Obra Completa* do poeta simbolista, escreveu excelente artigo sobre o livro, assinalando que nunca deixara de amar o poeta de *Kiriale*, “em sua heróica e tocante solidão”.

Já fiz ver que carinhosamente Drummond sempre copiou e fez chegar às minhas mãos poemas de meu pai não insertos em *Poesias*, a primeira reunião dos versos de Alphonsus em edição feita sob os cuidados de Manuel Bandeira e João Alphonsus, em 1938.

Falecendo este em 23 de maio de 1944, coube-me a tarefa de preparar a segunda edição do volume, com o acréscimo de vários poemas. Esta saiu em 1955. À *Obra Completa* seguiu-se a *Poesia Completa*, surgida em 2001, ainda organizada por mim, mas já aí com a colaboração

de dois poetas, Alexei Bueno e meu filho Afonso Henriques Neto.

João Alphonsus e Drummond foram colegas no jornal *Diário de Minas*, na década de 20. E colegas na atividade intelectual, figuras destacadas – um na prosa, outro na poesia – do movimento modernista em Minas Gerais. Drummond estudou Odontologia e Farmácia; João Alphonsus cursou durante dois anos Medicina, abandonando a faculdade para ingressar na de Direito. Em 1930, publicou Drummond *Alguma Poesia* e, em 1931, João Alphonsus, o seu primeiro livro de contos, *Galinha Cega*.

Drummond mudou-se para o Rio de Janeiro, onde permaneceu, e aí realizou a parte mais extensa e alta de sua obra.

Quando da morte inesperada de João Alphonsus, vitimado por uma endocardite, Drummond dedicou ao amigo três admiráveis estudos publicados em *Passeios na Ilha*, 1956, sob os títulos: I – Comunicação Noturna, II – O Poeta e III – O Vinco Burocrático.

Conheci-o em Belo Horizonte na década de 40 e melhor e mais intimamente com a minha mudança para o Rio de Janeiro em 1955. Nasceu daí uma amizade das mais benéficas para mim. Pude, então, sentir de perto a admiração de Carlos por Alphonsus de Guimaraens. O Alphonsus a quem ele consagrhou, na passagem do centenário de nascimento do poeta, em 1970, um belíssimo poema, *Luar para Alphonsus*. E a quem dedicou depois o estupendo *A Visita*, publicado primeiramente pelo bibliófilo José Mindlin em excelente edição, digna dos mais exigentes colecionadores, e depois incluído pelo autor em *A Paixão Medida*. Nesse poema narra ele a visita que o futuro líder modernista Mário de Andrade fez ao místico e suave poeta, em Mariana, em 15 de julho de 1919. Mais tarde, no livro *Amar se Aprende Amando*, em 1985, nos daria outro poema intitulado *Em Memória de Alphonsus de Guimaraens*, em mais uma homenagem ao poeta.

De minha parte, celebrei como pude o extraordinário poeta itabirano, amigo fraternal. Ao compor, em janeiro de 1953, o livro *Sonetos com Dedicatória*, entre os poetas por mim homenageados é claro que ele não poderia nunca faltar. Eis o seu soneto:



Drummond (à esquerda) e Alphonsus de Guimaraens Filho

Foto do acervo de Alphonsus de Guimaraens Filho

*Que quer Drummond a pesquisar
nas coisas findas
(muito mais que lindas)
o que não há de ser senão amar?*

*Que quer por entre
o dissonante
deblaterar
de um mundo
em que mister é que o olhar concentre
para em tanto travor e desalento
crispante
garimpar,
no luminoso ou torpe, no alvo ou imundo,
o que perdura e não se vai no vento?*

*Que quer Drummond
o próprio verbo vendo
reabrir-se e entrefechar-se,
iluminar-se e rebellar-se
com a pungência
que em tudo vai crescendo
para quem de ver fundo tem o dom?*

*Entre terras de ar, cercas de sonho,
que quer Drummond,
por onde vai Drummond,
para onde vai, adiante,
mais adiante
do que não sendo mais que um só instante
exige chama para iluminá-lo,
mais adiante
ali onde nos serve o diamante
do dia, cada dia, a recriá-lo?*

A 17 de agosto de 1987, de males cardíacos, ia-se Drummond, doze dias depois de sua filha Maria Julieta, também escritora. No meu livro *Luz de Agora*, 1991, recolhi este pequeno poema, escrito para quem sempre tive como uma espécie de irmão e, claro, de um mestre:

Morte de Drummond

Os poetas não morrem.
Poetas como Drummond ficam nas coisas.
Ficam.
Permanecem.
Por mais distantes e silenciados.
Sua vida irrompe como uma chama na noite.
Como estrela que, morta, ainda mais resplandece.
Poetas como Drummond ficam nas coisas.

*No teu estranho verbo desdobrada
A vida, amarga e variada, distribui
A secreta substância de que flui
O ser – pequena coisa iluminada –*

*E do que a memória, devassada
Nos seus desvãos pelo que, extinto, rui
Como uma frágil estrela apagada,
Retém inapagado e assim obstrui*

*O roteiro das traças e dos vermes;
E a noite, que pesava, o sentimento
De um mundo inabitável, a ironia*

*Se acumulam nas coisas mais inermes.
O tempo se consome em cinza e vento
Sobre os restos (talvez) de um novo dia.*

Além de quatro trabalhos em prosa - *Uma vida e uma Poesia*, 1952, ano do cinquentenário do poeta; *Boitempo na poesia de Carlos Drummond de Andrade*, de 1969; *Drummond e a luta com as palavras*, de 1972, nos 70 anos do autor de *As impurezas do Branco*; e principalmente *Inquietação Espiritual (ou a visão mística) em Carlos Drummond de Andrade*, também em 1972 - , dedicou-lhe, incluindo-o depois no livro *Discurso no Deserto*, de 1982, esta *Viagem de Drummond*:

*Fazendeiro do ar, no ar, no som,
que quer Drummond?*

Alphonsus de Guimaraens Filho é poeta e escritor. Autor, entre outros, dos livros *Discurso no Deserto*, 1982, e *O Tecelão do Assombro*, 2000.

artigo

Culta e feia

Adauto Suannes

“**SOU** do tempo em que se lia Rui no original”, gabava-se o senhor grisalho, à saída do fórum. Falava assim de alguém que os circundantes aparentemente não sabiam bem quem seria. Talvez algum jogador de futebol (Rui, Bauer e Noronha, lembram?). Falava em Rui da mesma forma como alguém pergunta na loja se já saiu “o último disco do Roberto”. Coisa de íntimos. “Viu como o Fernando está envelhecido?”, comenta-se à boca pequena, como se o Presidente pudesse ouvir e se aborrecer.

O que o senhor grisalho queria dizer é que os chamados operadores do Direito – pois ele era um jurista – não mais se preocupam com a precisão da linguagem. Usam um “adredemente” (eu mesmo encontrei isso em várias sentenças e pelo menos em um acórdão) sem o mais mínimo (consulte a gramática se julgar errado o reforço pleonástico) cuidado, mal sabendo que se trata de duplice advérbio (sim, “adrede” já é um advérbio, que dispensa o adverbiador sufixo “mente”), para mostrar cultura. Mal sabem eles que isso foi inventado pelo Dias Gomes, quando criou o seu prefeito Odorico Paraguassu (que nasceu no teatro e foi transferido, muito tempo depois, para a televisão), autor de tantas outras barbarices como essa, se me permitem o neologismo. Havendo, aliás, quem diga que nem é coisa do falecido Gomes, que teria aproveitado idéia alheia, no caso o Mário Palmério, salvo erro.

Ou um “exordial” (palavra que dá comichão no mestre Geraldo Arruda), no lugar de “petição inicial”, ou um “preopinante” (um querido amigo que estará lendo estas páginas tinha um pendor por essa coisa horrorosa), no lugar de Procurador de Justiça que oficia nos recursos, que “opina antes”. Ou um “sodalício”, ou um “curul”, ou tantas outras expressões bolorentas que tornam o nosso português forense, ramo da tal “última flor do Lácio inculta e bela”, algo que nem serve para demonstrar cultura de quem escreve nem nos leva ao encanto trazido por uma frase bem construída e muito menos transmite ao leitor precisamente a idéia que se pretendera transmitir.

Lembro-me da reação de um cliente que insistiu em ir assistir à sessão de julgamento do recurso que havia sido interposto a seu favor. Depois daquele falatório todo ele se vira para mim e indaga: “Afinal, doutor, ganhemo ou perdemo?”.

Registro, em público e raso, a bem da verdade, que isso não é fruto da pós-modernidade. Em meus tempos de estagiário de Direito (éramos, então, “solicitadores acadêmicos”) divertia-me incluindo, a força de marteladas, nas frases mais corriqueiras, que a hipótese “não espertava discepções”, coisa linda que havia lido em um voto do Min. Orozimbo Nonato e que pouquíssimos leitores haveriam de entender. Pois dias desses topei com isso no voto de um desembargador amigo.

Volto para casa e leio na derradeira página de um de nossos mais conceituados semanários, em trabalho no qual o autor aborda os desmandos que estariam acontecendo na administração da cidade de São Paulo, que, segundo muita gente, os políticos seriam todos iguais, “seriam uns a cara cuspida e escarrada dos outros”.

Paro a leitura e me pergunto: quantos leitores saberão qual a origem dessa feia expressão? “Cuspid e escarrado!” Pois isso é uma corruptela (quantos leitores saberão o que é uma corruptela?) de “esculpido em (mármore de) Carrara”. Da mesma forma como quando chamo uma moça de “sincera” eu estou querendo dizer que ela foi esculpida em mármore puro, sem aqueles buracinhos que exigem serem tapados com cera (“sine cera”).

Vou à Igreja e nem na missa tenho sossego. Ouço o celebrante concitar-nos à pobreza, verberando meus cuidados com a poupança: “é mais fácil um camelo passar pelo furo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus”, citando a fonte evangélica.

A associação entre camelo e agulha parecerá a qualquer pessoa de bom senso um disparate. Como que lendo meu pensamento, tenta o orador sacro convencer-me do acerto da frase pela existência de uma passagem estreita existente outrora no oriente, pela qual um camelo somente passaria se se despojasse da carga. “A comparação de Nossa Senhor de que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no céu tem sido interpretada de diversas maneiras quanto ao camelo e à agulha, por acharem alguns que a metáfora era muito ousada ou absurda”, anota Mons. Castro Pinto¹.

¹ Bíblia Sagrada, Ed. Barsa, 1975, apêndice, verb. camelo.

Mas, como não perdi a modéstia nem a vontade de aprender, vou ao dicionário e descubro que a palavra camelo tem vários sentidos em português, sendo um deles calabre grosso.

Agora está resolvida minha dúvida, que se prende apenas a um mínimo pormenor (talvez “detalhe”, se Geraldo Arruda permitisse um galicismo numa hora destas): que é um calabre? Volto ao “pai dos burros”: é uma corda grossa, diz mestre Aurélio, dessas com que se amarram navios ao cais.

Ora, se o Cristo falava a pescadores, não parece evidente que estaria a referir-se a um instrumento náutico e não a um animal, quando se utilizou do tal camelo do aludido sermão? Tudo é possível, mesmo porque é o próprio tio do Chico Buarque que nos sugere isso, transcrevendo exatamente o trecho de um dos sermões do padre Vieira (quem lerá Sermões hoje em dia, Senhor?) que cuida do tema: “Diz Cristo que é mais fácil entrar um calabre pelo fundo de uma agulha que entrar um avarento no Reino do Céu”.

E tudo estaria resolvido se minha mania de questionar não me trouxesse outra dúvida: qual, entretanto, terá sido a exata frase pronunciada por Cristo em hebraico? Ou foi em aramaico? Como é camelo em hebraico? Ou em aramaico? E calabre?

É isso aí, galera. Que, por sinal, era uma embarcação antiga que era tocada a vela e remo e que, pela corruptela da palavra galeria, passou a designar conjunto de espectadores (especialmente de futebol e shows de rock). Que, aliás, não formam audiência (momento em que a autoridade pública ouve alguém), mas auditório. Que, aliás, designava, primitivamente, o local onde ficavam as pessoas e não o conjunto delas. Da mesma forma como dormitório é o local onde se dorme e mictório é o local onde se urina, palavra inventada na curta permanência da Princesa Isabel no cargo de regente do Brasil, pois não ficaria bem ela inaugurar um mijador público. Que era o nome desses locais na época.

artigo

Monumento ao peregrino, proximidades de Pamplona, no alto do Monte do Perdão, "Onde se cruza o caminho do vento com o das estrelas".

O caminho de Santiago de Compostela

Carlos Alberto Alves Marques

NA preparação para o caminho, além dos cuidados físicos, é importante o contato com a literatura especializada. Nela encontram-se curiosidades muito interessantes sobre o Caminho de Santiago de Compostela. É o caso da observação de Goethe, de que a Europa se fez caminhando em direção a Santiago. Ou de Dante, na Divina Comédia, fazendo sua amada Beatriz revelar Santia- go no Paraíso, explicando ser o homem pelo qual a Galícia é visitada.

Outra curiosidade, esta de particular interesse para profissionais do Direito, é saber que os peregrinos

medievais voltavam para seus vilarejos e cidades com *status* pessoal diferenciado, muitas vezes até isentos de suas obrigações tributárias. Havia regras jurídicas medievais impondo à peregrinação a Compostela como sanção penal, de que há, ainda hoje, segundo dizem, vestígios no ordenamento jurídico belga. A caminhada, ademais, já foi imposição de penitência eclesiástica.

De interesse para amantes da magia da palavra é saber que a rota com-

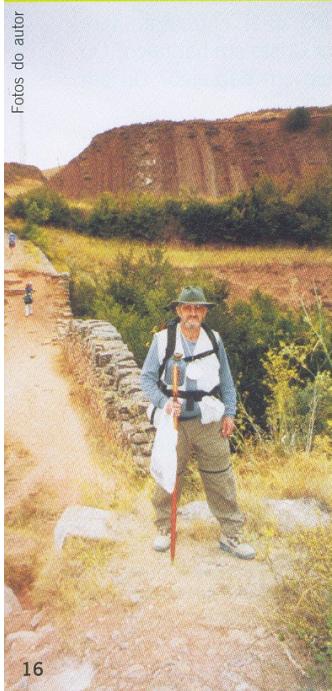
postelana era pelos campos - *per agrum* -, daí serem chamados de peregrinos os que a faziam, tal como de romeiros os que iam a Roma, e de palmeiros os que demandavam Jerusalém, os três grandes pólos de peregrinação da cristandade no medievo. No campo léxico da literatura sobre a tradição peregrina compostelana, verificam-se alguns usos curiosos, de que é exemplo o adjetivo *jacobeu*, derivado do nome próprio latino *Jacobus*, e suas variantes *Jacob*, *Jacó*, *Iago* e, finalmente, *Tiago*, com suas correspondências em inglês, *James*, e em francês, *Jaques*.

A tradição de peregrinar a Santiago de Compostela é mais que milenar. Adquiriu um aspecto mitológico que não facilita falar de sua gênese com rigor histórico. Seja como for, é sabido que iniciou em época de choque civilizatório entre muçulmanos e cristãos no final do primeiro milênio da cristandade, fenômeno que de alguma forma está-se repetindo nesta virada do segundo para o terceiro milênio, permitindo interessante exercício de analogia e de reflexão sobre o fenômeno atual do grande incremento da peregrinação jacobeia.

A realidade geopolítica da Europa no início do século IX mostrava a invasão muçulmana consolidada na Península Ibérica, sob a invocação unificadora de Maomé, contra a qual pouco podiam fazer os pequenos reinos cristãos do norte peninsular, aos quais faltava semelhante fator de aglutinação.

Nesse cenário, em 813, sob o reinado de Alfonso II, o Casto (789-842), em Astúrias, e imperando Carlos Magno no que é hoje, *grosso modo*, espaço geográfico francês, germânico e italiano, um pastor da Galícia, Pelayo, acredita ver algo como uma chuva de luz de estrelas incidindo sobre determinado lugar, que viria a chamar-se *campus stellae*, originando Compostela.

Fotos do autor



Ponte e calçada romanas, vestígios da grande estrada imperial dos Césares, no vilarejo de Cirauqui, nome significando "ninho de víboras", em basco. O autor aparece em primeiro plano.

Chegando a notícia ao bispo de Iria Flávia, ordena o prelado Teodomiro averiguação no local, onde é descoberta uma arca de mármore. Nela estariam os restos do apóstolo Tiago, irmão mais velho de João Evangelista, que havia evangelizado aquela região no primeiro século do cristianismo, restos que para lá haviam sido levados por discípulos, após resgatarem o corpo em seguida a martírio perpetrado por Herodes Agripa, em Jerusalém.

Aí nasceu o mito. Nas batalhas contra os invasores, passou a ser invocado como Santiago Matamoros, nelas cumprindo para os cristãos o papel unificador e aglutinador de Maomé para os muçulmanos, até a expulsão destes, séculos depois, pelos reis católicos Fernando e Isabel.

Há algo de enigma ou loucura no impulso de alguém para distanciar-se de suas referências de família, profissão, meio social e embrenhar-se caminhando centenas de quilômetros em terras da Espanha, não raro em situações extremamente adversas. As motivações para isso podem ser as mais variadas, de natureza religiosa, devocional, espiritual, ou mesmo por modismo, ou simplesmente para vencer o desafio de repetir uma das tradições mais antigas do Ocidente.

Seja como for, uma coisa é certa: é imenso o prazer experimentado em reduzir a vida à sua expressão mais simples, porque no Caminho de Santiago tudo o de que se precisa está na mochila levada às costas, e as relações humanas estabelecidas ao sabor do acaso e do fortuito são da mais pura gratuidade, companheirismo e solidariedade. Não é coisa pouca se comparada com o modelo de vida atual, complexo e muitas vezes complicado, com as relações sociais em geral condicionadas pela necessidade e pela conveniência.

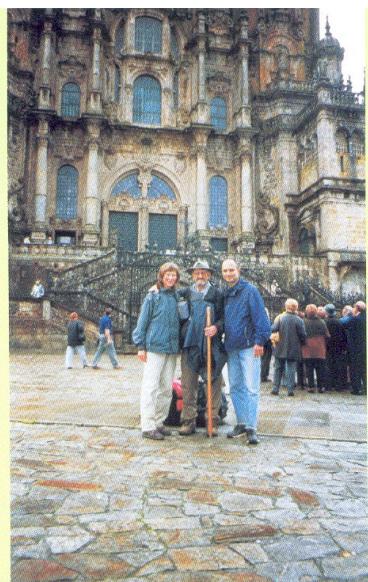
Razões assim, somadas a certa inquietação de natureza espiritual e à vontade de vencer desafio pessoal num roteiro cultural e histórico responsável pela formação de boa parte da velha Europa, levaram-me à idéia de fazer a caminhada de quase 800 quilômetros em terra estranha com uma mochila às costas.

Iniciei a jornada em 2001, saindo de Porto Alegre, coincidentemente, no fatídico 11 de setembro, em meio a muitas inquietações e incertezas. O resultado foi uma experiência única, certamente uma das melhores coisas que fiz na vida, e que procurei documentar com anotações disciplinadas e diárias para revisitas periódicas. Eventual curiosidade em torno dessa vivência poderá ser satisfeita no endereço eletrônico www.caminhodesantiago.com.br/diario_carlos_alberto.htm.

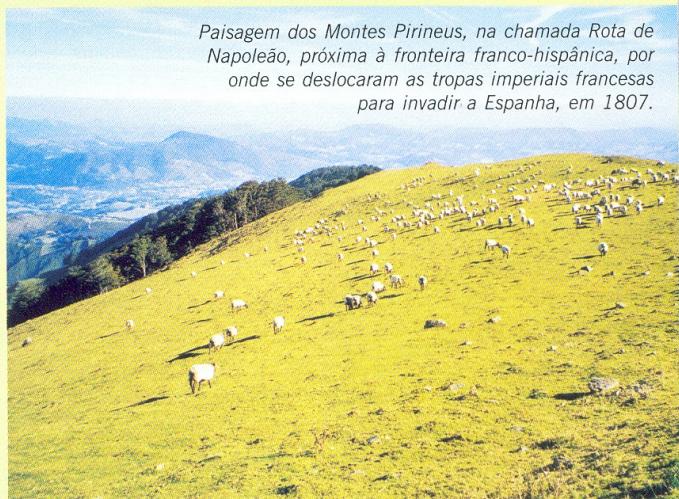
Por fim, cabe salientar haver quem afirme o caráter metafórico do Caminho de Santiago, cuja experiência apenas aceleraria as transformações que, em última análise, se operam em cada um no curso da existência, o VERDADEIRO CAMINHO.

Carlos Alberto Alves Marques é Juiz aposentado, Secretário da Corregedoria-Geral da Justiça do RS.

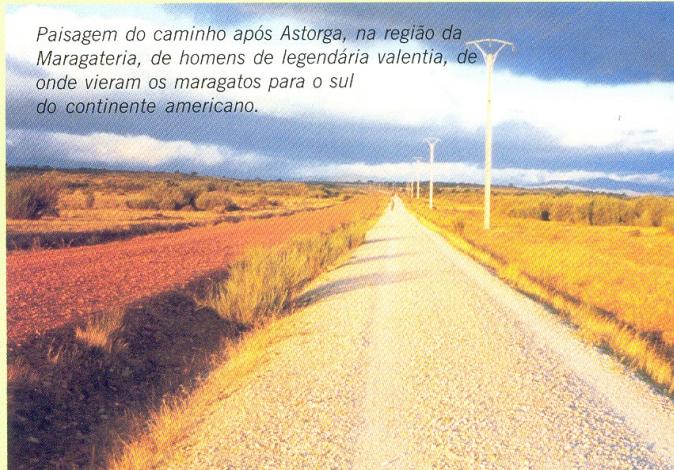
Chegada a Santiago de Compostela, defronte à Catedral, com companheiros da última etapa da caminhada.



Paisagem dos Montes Pirineus, na chamada Rota de Napoleão, próxima à fronteira franco-hispânica, por onde se deslocaram as tropas imperiais francesas para invadir a Espanha, em 1807.



Paisagem do caminho após Astorga, na região da Maragateria, de homens de legendaria valentia, de onde vieram os maragatos para o sul do continente americano.



Bustos

Maria da Soledade Sampaio

A crônica "Bustos" aqui transcrita originou-se de uma discussão entre partidários e opositores da homenagem a Manuel Bandeira no Recife. Foi publicada no jornal Folha da Tarde, de Porto Alegre, edição de 9 de junho de 1958.

Adil Silva, jornalista que integrava o quadro de profissionais da Folha, e que apreciava os meus escritos, disse ter achado a crônica meio irreverente. Esse fato levou-me ao amigo Paulo Condorcet, residente no Rio: encamhei-lhe cópia da mesma, solicitando a entrega ao Poeta.

A carta reproduzida dá notícia do fato.

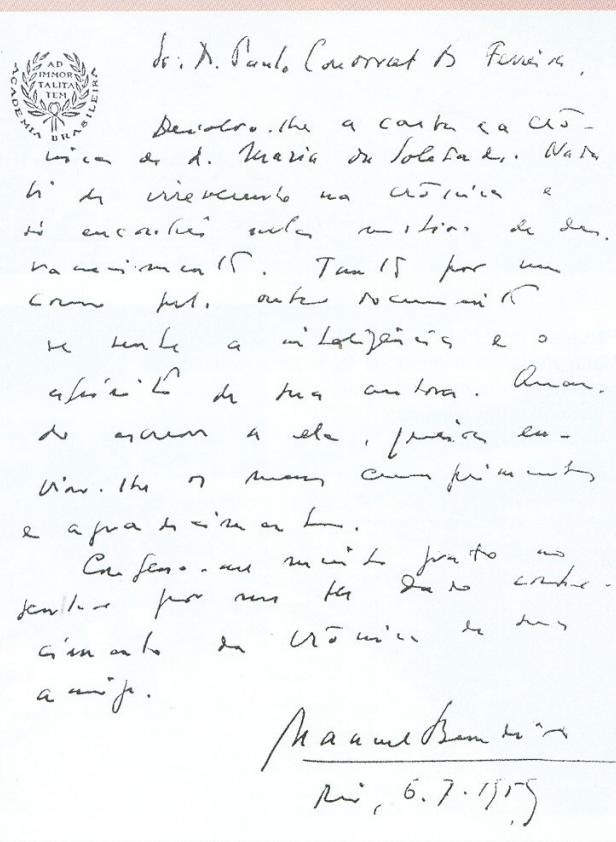
Rio, 25/VII/59

Minha cara Maria da Soledade

Só hoje me foi possível atender ao teu pedido. A missão que me deste não foi fácil, pois, dentre outras dificuldades, avulta a quase completa surdez do Poeta Bandeira, que o torna praticamente incomunicável. Em todo caso a tua solicitação deu-me o grato ensejo de conhecer pessoalmente o mais famoso poeta do Brasil. Agradeço-te por isso "ab imo pectore".

Remeto aqui, em anexo, a "tradução" do cartão do velho poeta, que tive a honra de receber pessoalmente em minha casa quando da entrega do já citado cartão.

Paulo Condorcet



Sr. Dr. Paulo Condorcet B. Ferreira

Devolvo-lhe a carta e a crônica de dona Maria da Soledade. Nada há de irreverente na crônica e só encontrei nela motivos de desvanecimento. Tanto por um como pelo outro documento se sente a inteligência e o espírito de sua autora. Quando escrever a ela, queira enviar-lhe os meus cumprimentos e agradecimentos. Confesso-me muito grato ao senhor por me ter dado conhecimento da crônica de sua amiga.

Manuel Bandeira
Rio, 6/7/59

BUSTOS

Maria da Soledade Sampaio

Já não bastam as grandes polêmicas de vésperas de eleições, de política cafeeira, de desarraigos intestinos e exteriorinos.

Surge agora a polêmica em torno de um busto. Esse busto não é nem de Lollo, nem de Sofia, nem de M. M.

E' nada mais, nada menos do que o busto em pedra ou em bronze do poeta. Do poeta pernambucano que nunca mais foi a Recife, desde que fez nome.

E' o que dizem os despeitados, ou melhor, os desbustados contemporâneos do Bandeira.

Manuel Bandeira, o papa dos modernistas, merece um busto, seja em bronze ou em pedra, o fato é que merece.

Quantas horas silenciosas e agradáveis nos deu a sua poesia, quantas vezes embalou a melancolia da espera e a alegria dos momentos passados juntos...

Ele merece esse busto.

Alegam uns que o Bandeira ainda está vivo. — Mas então é só depois de morto que se recebe louvores?

Ora, um morto não liga exterioridades e é indiferente a essas homenagens públicas.

Um morto, o mais que pode levar consigo é uma consciência tranqüila, quando vivo foi homem de bem.

O mais que pode levar é um coração cheio de amor e de amizade, correspondidos.

Jamais levará glórias ou vaidades, porque todo o homem quando morre é humilde.

“Me dêem estima enquanto vivo, que depois de morto o diabo que carregue” — era o que dizia um “guasca” e acho que tinha razão.

Todo o poeta é vaidoso — por que não dizer? — e um pouco cheio de si (Rempli de soi-même, dizia o meu amigo francês).

E não é só mal de poeta, não. E' de todo aquêle que escreve e vê os seus escritos em letra de fôrma.

Diz o ditado que o homem só é feliz depois que planta uma árvore, escreve um livro e tem

um filho. São esses os requisitos para a felicidade, de acordo com o ditado.

O primeiro deles é o mais fácil de realizar e o mais simples dos três; o terceiro, quase todos o realizam; mas o segundo é que são elas. O segundo uma minoria sómente consegue.

Também se todo o mundo escrevesse livros e publicasse — Deus nos livre desse mal — certamente haveria guerra e das grandes.

Não sobrariam críticos e seria uma lástima.

E os críticos sofrem do mesmo mal dos que escrevem.

Ninguém achou um nome para essa doença, mas creio que ficaria bem chamá-la “mal da tinta” da linha de impressão, das letras de fôrma.

Dêem o busto ao poeta, seja lá onde fôr: Manaus, Salvador, Recife, São Paulo ou Pôrto Alegre. Ou mesmo em qualquer outra capital onde Bandeira não seja conhecido.

Os contrários a essas homenagens — nem é preciso dizer — são os invejosos e os despeitados.

Temem a imortalidade do Manuel na pedra ou no bronze. Mas não compreendem que ser imortal não é ser retratado, e sim, ser lembrado pela obra. Porque o retrato se esfuma com o tempo, mas a obra permanece se tiver valor.

Os contrários poderiam alegar que Manuel Bandeira é feio para ser bustificado.

Mas poderiam lhes responder que quem vê cara não vê poesia — e elas ficariam bestificadas.

Dêem o busto ao poeta.

Os admiradores não precisam olhá-lo no bronze para sentirem-lhe a poesia. Será apenas uma homenagem pública.

Para alguma coisa o busto há de servir. Se não encantar os olhos humanos nalgum recanto de praça, servirá ao menos para os pardais fazerem sua poesia em cima dele.

Dêem o busto ao poeta.

Não tirem a alegria dos pardais.

Folha da Tarde
9 de junho de 1958

Grafia da época.

Maria da Soledade Sampaio é Professora e bacharel em Direito.

crônica

A garça e o Dilúvio

Afif Jorge Simões Neto

O que pode querer da vida aquela garça tão branca no meio deste arroio tão imundo, que um dia já foi gente, limpo e vivo, de olhos arregalados? Pára, olha para um lado, bate asas para outro, dá uma passada rente ao sumo do pequeno caudal, interrompe o vôo e volta ao mirante sombreado por um salso-chorão, limpando o bico preto nas penas a cada retorno de revoada.

Um resto de bando navega baixo e arrogante, seguindo o canal da sanga rumo ao Guaíba, tirando folhas da grimpa do jacarandá lindeiro ao seu posto de observação. Ela bem que poderia seguir a parentalha, estar longe do Dilúvio de águas podres, enfeitadas por garrafas de plástico e pneus velhos, pois sabe que ali não tem mais peixe ou qualquer outra espécie de alimento que lhe reduza a fome; que embaixo daquele líquido gosmento ninguém mais respira, ninguém mais arde e pulsa.

Ainda assim, com toda a liberdade que Deus lhe deu em formato de pluma, prefere ficar pela volta, caminhar manso, olhar plácido, buscando não se sabe que intentos, que desiderato.

É desse jeito que me sinto nesta cidade tão grande

e de alma perdida.

Procuro-me com uma freqüência cada vez mais intensa, mas não consigo me localizar no mapa abstrato de um povo disforme, atônito e sem rumo. Por dentro, uma tentativa de fuga, um apelo de menino que perdeu os seus brinquedos levados pela enchente; pelo lado de fora, uma aparência resignada, um grito tampado. Mas pouca importância se me dá de tal desassossego. Um dia, seguindo o apito do velho trem fumador de palheiro, que se movimenta ao longe batendo os tamancos, voltarei para a minha aldeia, para o meu açude envidraçado, que de tão azul parece feito de céu.

E aí a garça do Arroio Dilúvio será minha convidada para mudar de pesqueiro. Com direito a escolher abrigo e canhada e ter um ribeiro só pra ela. Quando avistar algum taquiri garbosí voejando rumo à Capital, dirá, inflando o tambor do peito, e com um novo brilho no olhar: agora sou dona do ninho que eu mesma fiz. Passeia nos matos vizinhos mais um pássaro feliz.

Afif Jorge Simões Neto é Juiz de Direito em Porto Alegre - RS.

Paisagem Gaúcha. Obra de Danúbio Gonçalves. Técnica mista - acrílico e óleo. 50 x 70 cm. Acervo do autor.

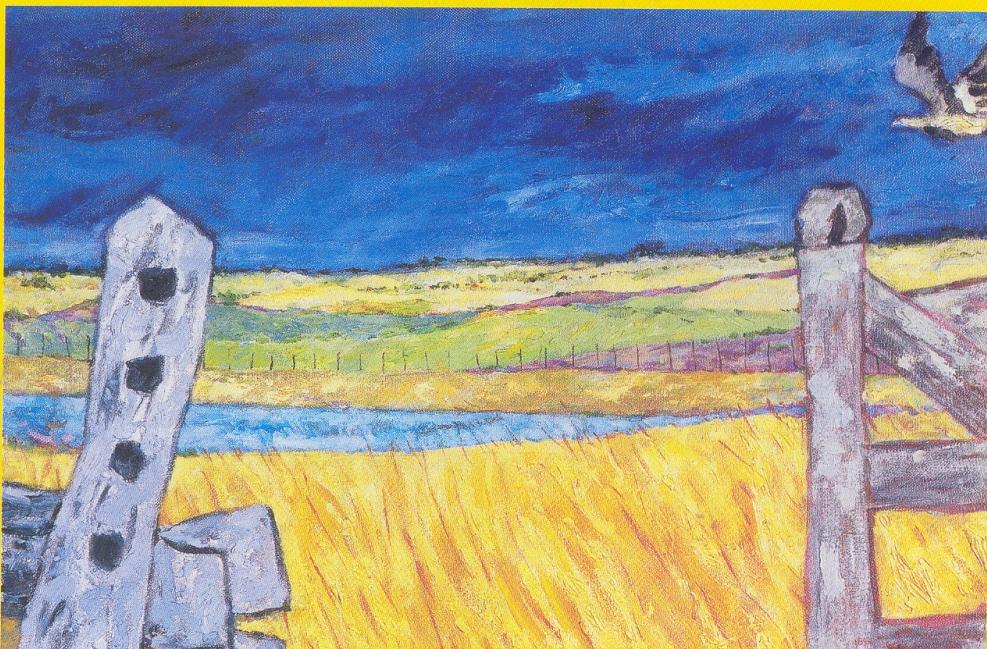


Foto: F. Zago - Studio Z

galeria I

H. Fuhro

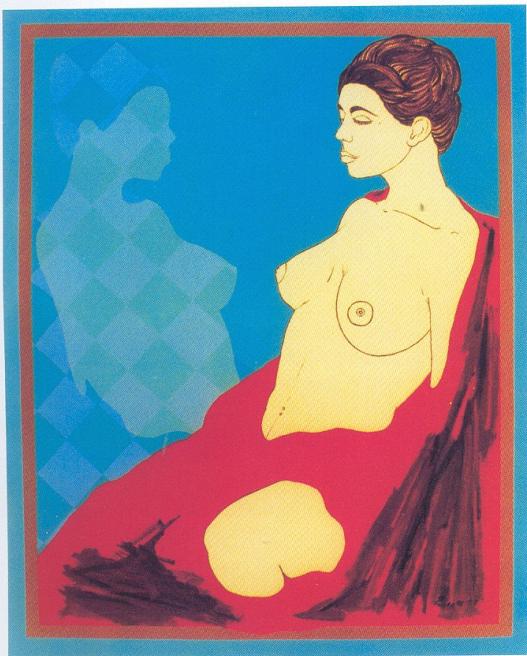
Henrique Fuhro
Rio Grande, RS, 1938

Desde 1952 reside em Porto Alegre. Pintor, desenhista e gravador. Seu trabalho enfoca a realidade social, permeada pela meditação através da figura. Cores vibrantes, imagens repetidas, instrumentos de sopro, entre outros elementos, compõem sua rica obra.

Fotos: Emir



Música na Lagoa, 1999
Técnica: acrílico sobre tela
80 x 60 cm
Coleção particular
Rio de Janeiro - RJ



Nu, 1999
Técnica: acrílico sobre tela
100 x 70 cm
Coleção particular
Porto Alegre - RS



A cor do som II, 1998
Técnica: acrílico sobre tela
90 x 70 cm
Coleção particular
Porto Alegre - RS

Quesada

Alberto Crusius

I

COM a silenciosa eficácia das aparições noturnas, o velho de olhos ardentes saiu das trevas profundas para as vacilações iluminadoras da diminuta fogueira de acampamento, rapidamente amontoada por cansados cavaleiros antes de adormecerem.

Mesmo sobressaltados, os homens permaneceram em seus lugares. Mas um deles levou a mão ao cabo da faca escondida na bota. O que talvez tenha causado a frase do velho de voz em que argênteo e rouquidão se sobrepunham num agudo cintilante:

- Soy Quesada.

Como ali quase a metade dos homens eram mexicanos, a frase apagou o sobressalto como água sobre fogo. Houve imobilidade por mais alguns instantes de hesitação, e um dos mexicanos apontou para um lugar perto das chamas meio apagadas.

E Quixote acomodou-se séculos adiante e mares além de sua amada Mancha, não sem saudades de sua ensolarada Espanha.

II

Louco e sublime, a todos reencantou como vinha fazendo ao longo dos séculos: sem que precisassem compreender a extensão expressiva que este encanto meramente desvelava.

Dotado da furtiva facilidade de movimentação geográfica com a qual todo enredo de lenda retribui ao personagem que a configura, cruzou a fronteira ao norte, e novamente o tempo, cuja linha divisória é ainda menos tênue na ausência de marcas registradas pelo construir humano.

Milagrosamente, e nisso talvez lhe tenha valido sua liricamente patética fé cristã, ganhou apaziguamento e até

umas quantas libras de peso, perdendo um pouco do brilho no olhar.

Porém, mantendo intacta a paixão pelo agir e o senso da representação que deve correspondê-la, em pouco tempo se aproximou da nova forma de cunhar imagens na humana mente a que denominam cinema, da qual Azorín disse que seria literatura ou não seria nada. Encantou-se com a frase que a tantos causava constrangimento.

Aprazia-lhe perceber que, como na literatura, naquela década da qual estamos distanciados por mais de meio século, caberia à memória reter o derradeiro e supremo esplendor do eco fugidio ou evocativo da obra.

E, como não existe aprazível desacompanhado de alguma contrapartida, seu entristecimento peculiar consistia em constatar que, ali naquele mundo, competia a todos os de idade tornada sublime pela cronologia um papel de mero coadjuvante.

Mantinha certos hábitos, como, por exemplo, alimentar-se de “duelos y quebrantos”, que às línguas quase espanholas, ou que um dia o foram, como aquela em que se registram estes fatos, parecia uma metáfora que nunca foi (era, afinal, algo como um prosaico toucinho com presunto).

Ainda via, aqui e ali, traços um tanto borrados pela vergastante ação do tempo - ou dos tempos - de paixões antigas suas. Admirava, por exemplo, a vibrante paixão com que cada nome, principalmente os femininos, reescolhido outro que não o de nascimento, soava “músico, peregrino y significativo”, mesmo noutra que não sua amada língua espanhola, que aqui e ali via homenageada. Costumava ver em Adrian Booth, que fora Lorna Gray, a nova forma de denominar Adrianza Lorenzo.

Também percebia, na figura pétreia do ator principal dos filmes de que era coadjuvante, o aprumado cavalgar de Galaor e de outros, e lhe agradava ver a nitidez quase metafórica com que aquelas rochas ocupavam a paisagem agreste, onde o pó dos baixios secos incensava

cavalgadas e cavaleiros num só abraço de glória, talvez derradeira. Ou matinal: eram crianças, afinal, que apreciavam e aplaudiam essas cavalgadas e duelos. Geralmente, porém, em matinês, nas tardes domingueiras, onde a pouca idade e a alegre algaravia do gostar aos gritos silenciava a consciência antecipada em que se avolumava, com o passar dos anos, o perceber agudamente metafísico do grande entardecer.

Confundiam-no certos hábitos contemporâneos, como o ver obesos tanto os vilões como os companheiros ("escudeiros", na sua linguagem), posto que, se o atributo de um ou outro era o mesmo, ele pressentia seu fiel Sancho, neste século, reduzido ou conduzido a vilão, o que em sua opinião era equivocado. Gostava de imaginar que dissera a frase definitiva sobre Sancho em seu vocativo famoso: "Duerme, Sancho, gritó Quijote, que para eso naciste." Para dormir, não para ser vilão. E, como em todo personagem há muito de seu autor, surpreendia-se de ver seu pétreo astro principal façanhudo sem quixotismo algum, trezentos e cinqüenta anos depois de que lhe doera constatar moinhos em lugar de gigantes. O Dom Quixote das crianças que imaginava devia manter mais de si próprio, e seria realizado também em terras do novo mundo, apenas mais ao vasto sul, no delicioso compilar da pena de outro que também abandonara suas terras pela paixão das letras, naquele país que agora tinha nome que já constava em sua própria obra por Cervantes, referindo-se a um personagem: Brasil. Gostava de murmurar, saboreando musicalidade no suspirar a frase entre língua e palato: "La pobre virgin, temblando y desmayada, sin hablar una palabra, se acercó al pobre Brasil." Dizia a frase como se um dito fosse, e como se ele fosse o Cervantes que em si havia por dele ser personagem, ainda que Cervantes a tivesse dito, na obra, por si próprio, por ser frase do narrador.

Mais do que tudo, porém, o maravilhava saber, naquele país, numa língua que não mais se declarava espanhola, a grafia original do nome pelo qual seria lembrado, Quixote, tal como na Espanha de 1605. Quando,

numa operação tranqüilamente mercantil, seu ator principal passou a outra série na qual era apenas voz de montaria, ou quando soube do quanto ele destoava do mundo em que vivia, compreendeu tudo: qualquer que fosse seu principal ator, tudo seria o mesmo. Naquele novo mundo, Quixote se tornava escudeiro; Sancho, vilão; e o cavaleiro, Rocinante, como o próprio Quixote, ali tinha mais de bufo do que de sublime.

Retornou então, com a presteza um pouco desconcertante, mas gentil, de todo viajante do tempo, a sua amada Mancha nas ensolaradas terras da Espanha, para morrer.

De mim não saberá que lhe concedo este findar, novamente ou ainda uma vez, em leito apropriado e no tocante e pranteado ambiente familiar, para atender, primeiro, ao belíssimo dito do "morir cuerdo e vivir loco", morrer cordato e viver louco, várias vezes mencionado.

E também para atender, mais do que tudo, à suplica de seu *alter ego* Cervantes, comovente, por sua humildade em supor que poderíamos dar nova vida a sua acabada criação, quando "el prudentíssimo Cide Hamete dijo a su pluma:

Porque esta empresa, buen rey

Para mi estaba guardada.

Para mi sola nació don Quijote, y yo para el; el supo obrar, y yo escribir; (...)".

Acrescentarei apenas que, sendo muitas as formas de imortalidade, também em muitas o preço a pagar por ela é a morte. Um paradoxo pode, afinal, causar espécie a muitos. Não ao Quixote, anotado por autor que, como ele, quando se joga contra algum alvo, não deixa de perceber naquilo algo que só em seu gesto de a ele se jogar faz sentido. É o caso do citar no primeiro capítulo a frase de Feliciano da Silva como matéria a ser alvo de risos, mas que, nesta linha derradeira, posso citar como o nosso último moinho de vento, "la razón de la sin razón" que é, tal como a vejo, a própria morte, à qual precisamos atribuir, cada um, a nossa razão.

Para Eddy.
Janeiro de 2001.

Alberto Crusius é contista publicado em vários jornais e revistas do País, autor de *O Boxeador Vai à Lona*, contos (Prêmio Cidade de Porto Alegre), e outros livros. Também crítico de cinema em veículos do Sul e do restante do País.

Mãe e filho

Emanuel Medeiros Vieira

NO velório da mãe, seus três filhos quase não têm o que dizer um para o outro.

Moram em cidades diferentes, praticam ofícios diversos. Fazem o que é preciso: contratam a funerária, pagam o hospital. Estão enterrando-a neste final de tarde. Pouca gente no sepultamento: alguns vizinhos e parentes distantes.

As amigas da geração da mãe estavam mortas. Ela era bem velha. Os três irmãos carregam o caixão. Depois, diante da cova, escutam o ruído de pás, outros instrumentos, areia caindo na madeira: era o trabalho dos coveiros, eles suam e querem terminar logo o serviço.

Os três irmãos estão-se retirando do cemitério.

Há poeira nos sapatos, moscas pousando nos rostos. Também mosquitos. O calor é forte. Ao final da cerimônia - os três são escassos de palavras - o caçula propõe que, antes da partida de cada um para os seus destinos, bebam alguma coisa.

- Gostaria de ter alguma bebida forte, ele falou.

- É uma boa idéia, diz o segundo, um ano mais velho do que o caçula. O primogênito nada diz, mas concorda com a cabeça. Decidem beber (o tempo é curto) no próprio bar do cemitério. Não se viam há muitos anos. Era a cidade natal dos três.

- Como ela mudou, constata o caçula. Dos três, era o que mais conversava.

- Cresceu muito, concorda o segundo. Em pouco tempo, depois de falarem sobre negócios, famílias que fizeram, filhos, e como estava fazendo calor, os assuntos se esgotam.

Como um velho pistoleiro, o segundo irmão olha em direção às montanhas que ficavam atrás do Campo Santo.

Há algumas providências a serem tomadas (verda da casa, abertura do inventário). Por isso o segundo irmão ficará mais uns dias na cidade.

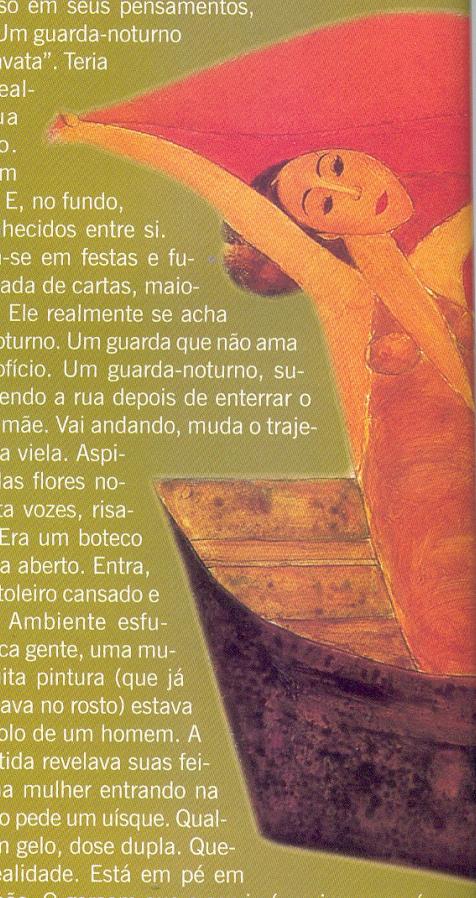
- A burocracia exige paciência, ele diz.

- A burocracia..., resmunga o mais moço.

Já é noite. Pagam a conta. Despedem-se formalmente. Em verdade, nunca foram efusivos. Nunca se abraçaram, nunca se tocaram, além de cumprimentos formais. O primogênito está pegando um táxi para o aeroporto. O caçula chama outro para levá-lo à rodoviária. O segundo

irmão - que ficará para resolver os problemas pendentes - vai andando em direção ao sobrado, onde a mãe sempre viveu. Naquela noite dormirá lá. Contempla a casa. Fica olhando, parado em frente ao portão, algumas flores irromperam de madrugada. Ainda não entra. Sobe e desce a rua. De novo, sobe e desce. Gostaria de tomar uma saideira, mas os bares da rua estão todos fechados. Sobe e desce de novo. Mais uma vez. Outras. Vai e volta. Anda mais. Parece um guarda-noturno em sua ronda.

Preso em seus pensamentos, monologa: "Um guarda-noturno de terno e gravata". Teria conhecido realmente sua mãe? Não. Nem ele, nem seus irmãos. E, no fundo, eram desconhecidos entre si. Encontravam-se em festas e funerais. Só, Nada de cartas, maiores contatos. Ele realmente se acha um guarda-noturno. Um guarda que não ama mais o seu ofício. Um guarda-noturno, subindo e descendo a rua depois de enterrar o corpo de sua mãe. Vai andando, muda o trajeto, desce uma viela. Aspira o cheiro das flores noturnas. Escuta vozes, risadas, ruídos. Era um boteco pé-sujo, ainda aberto. Entra, como um pistoleiro cansado e sem armas. Ambiente esfumaçado, pouca gente, uma mulher com muita pintura (que já se desmanchava no rosto) estava sentada no colo de um homem. A pintura derretida revelava suas feições: era uma mulher entrando na velhice. O filho pede um uísque. Qualquer um. Sem gelo, dose dupla. Queria sair da realidade. Está em pé em frente ao balcão. O garçom que o serviu (camisa com nó-dois) cochila sentado numa mesa.





O filho toma a bebida num gole só. Estala a língua. Pede outra dose. Já havia pago antes. Afrouxa o nó da gravata. Abre o paletó, arregaça as mangas da camisa social. Sente um tremor no peito. Não consegue esquecer daquele momento às cinco da tarde, quando olhou pela última vez o rosto de sua mãe. Logo depois, os funcionários da funerária fecharam o caixão. Contemplara o rosto da mãe. Um tanto amarelo. As mãos cruzadas, um rosário entre elas, flores, olhos fechados, moscas rondando, pouca gente no local do velório. O filho está no bar, encostado

no balcão. Mas seu coração continua no velório. E relembrava outros momentos: como um dia da infância, no qual sua mãe o levava para assistir a uma regata no mar daquela cidade. Ele vestia roupa de marinheiro, mãos dadas com ela, que lhe comprara pipoca e algodão doce.

Mãe e filho sorriam naquela manhã, enquanto os homens remam no mar azul, o dia sereno. A mulher com pintura derretida, já com as marcas do tempo, está cheia de rugas. E olha-o fixamente. Ele não

consegue encará-la e baixa os olhos. E ela continua olhando-o, a tomar outro uísque. Desiste. Vai embora. Sente-se infinitamente só e cansado. Sobe uma ladeira, pega uma flor, cheira, a rua deserta. Sabe que dormirá sozinho no velho sobrado. Sabe que as roupas da mãe ainda estão no guarda-roupa. Ela é que não está mais no sobrado. Na mesinha de cabeceira, estarão os vidros de remédios. Agora não se sente mais como um guarda-noturno ou um pistoleiro. É apenas um órfão. Um órfão retardatário, órfão de tudo. Entra no sobrado. Abre a porta do quarto da mãe. Queria vê-la viva. E pedir a bênção antes de dormir. Na mesinha, os óculos de grau que a mãe usava. Uma foto de casamento, ela e seu pai em poses solenes. Um relógio na sala. Deita-se na primeira cama que encontra. Não tira a roupa, nem os sapatos. Levanta-se, toma um copo d'água. Fecha os olhos, mas não consegue dormir. Sente enorme preguiça e decide não escovar os dentes. Não consegue esquecer daquele ruído do caixão sendo fechado, nem das pás jogando terra em cima da madeira. Tenta rir de olhos fechados: sua mãe ensinava que ele deveria contar carneirinhos quando o sono não viesse.

Lembra-se de um domingo de sol. De uma baía. De uma regata. Mãe e filho de mãos dadas, homens fortes remando, um pipoqueiro que agora também deve estar morto. Sabe que um pedaço de si está irremediavelmente partido. O menino da regata inunda seu coração. Consegue recuperar as imagens, não as sensações.

O sono não vem. Pensa nas montanhas que cercam o cemitério. Levanta-se, olha-se no espelho do banheiro, agora escova os dentes, lava o rosto de novo. Pega sua mala e vai embora. Quando chega na calçada, olha uma última vez para o sobrado. Um pistoleiro aposentado que jogou na lata de lixo a última arma. Não quer mais saber de duelos, conflitos, brigas. Só queria dormir tranquilo num quarto escuro, sem ruído, sem a desordem estuporada destes tempos.

Emanuel Medeiros Vieira é escritor. Publicada a antologia *Roda de Fogo*, em 1970, pela Editora Movimento em Porto Alegre, coube ao catarinense Emanuel Medeiros Vieira, nela estreante, uma comparação por Fausto Cunha a Graciliano Ramos. Com reconhecimento também entusiasmado de Carlos Drummond de Andrade a seu primeiro livro de contos, em carta de 1973 divulgada somente no ano passado, é autor de quatro novelas, oito livros de contos, dois de poesia. Vencedor de vários concursos recentes de poesia no País, funcionário do Senado, vive em Brasília, e já publicou numa antologia canadense de escritores brasileiros.

Ela no barco, 1995. Obra de Nelson Jungbluth. Acrílico sobre duratex. 90 x 90 cm. Acervo de Maria Eunice Rillo.

Nathaniel Guimarães

galeria 2

Nathaniel Guimarães



Nathaniel Guimarães nasceu em Rosário do Sul (RS) em 27 de dezembro de 1925 e morreu em Porto Alegre em 11 de maio de 2002. Um dos mais importantes aquarelistas brasileiros, também se dedicou ao ensino da pintura, tendo formado muitos artistas em Porto Alegre. Cultivou igualmente a literatura a exemplo do irmão, o grande escritor Josué Guimarães. Deixou obras inéditas. Era Desembargador aposentado do TJ-RS. A ele a homenagem e a saudade do *Caderno de Literatura*.

Fotos: F. Zago - Studio Z

A autenticidade é atávica na obra do artista, possuída pelo auto-retrato. Algo visceral, independente do motivo abordado. Também em Nathaniel Guimarães acontecida no transparente lago do aquarelista. Retrato introspectivo no paisagismo tranquilo e plasticamente organizado. Nathaniel homem, artista, em soma afável e humanista na trajetória sensorial. Viagem ao pacífico lirismo, convida-nos a desertar da metropolitana ebulição.

Convite, repito, de sua amada aquarela respirando natura pela janela do vitral.

Danúbio Gonçalves

Hora da sesta, 1985

Aquarela

30 x 42 cm

Acervo de Iara Guimarães

Porto Alegre - RS





Cais de Pesca - Tramandaí - RS
Aquarela
22 x 30 cm
Acervo de lara Guimarães
Porto Alegre - RS

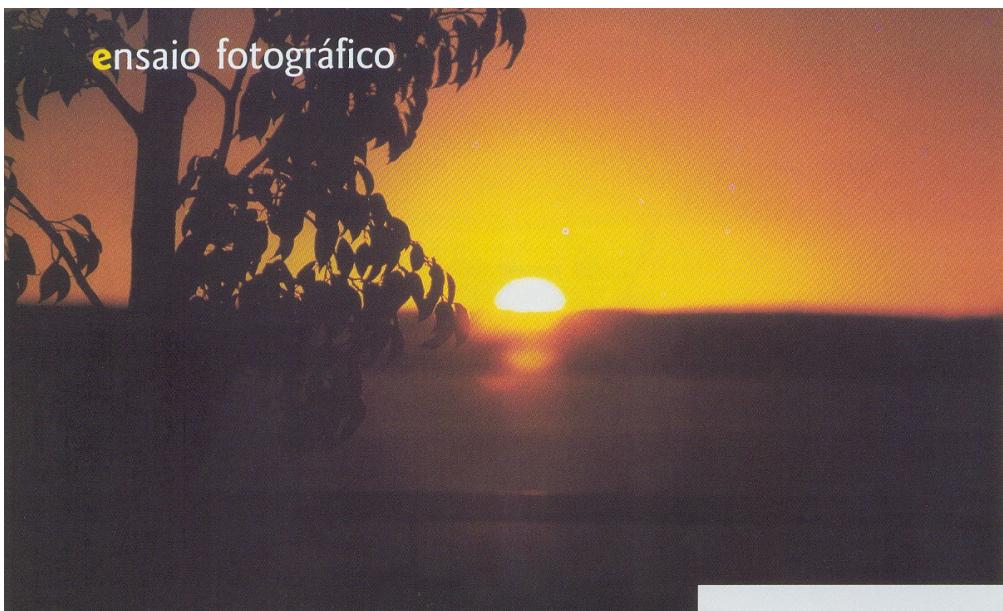
Silêncio no ateliê

Jorge Adelar Finatto

As mãos de Nathaniel Guimarães
inventaram beleza.
O artista construiu emoção
através da textura delicada
da aquarela.
O espírito observador do juiz
reuniu-se ao talento do artífice.
Movimentos pacientes sobre o papel
compuseram prainhas
silenciosos barcos
naturezas vivas, objetos com alma:
alumbramento.

A vida ficou mais bela
no traço transparente.
Um arrepio percorre agora
o silêncio do ateliê.
Álgido território
longe do seu criador.
O espaço branco e deserto da folha
não será mais lugar de milagres.
Falta o olhar humano do pintor.
Faltam as mãos de Nathaniel.

ensaio fotográfico



Ocaso Carmesim

Autor: Otávio Augusto de Freitas Barcellos, Desembargador - I
Sede Campestre da AJURIS
Porto Alegre - RS.

AS fotografias que ilustram estas páginas foram selecionadas no 2º Concurso Fotografe Sua Comarca, dirigido a Magistrados e Servidores da Justiça do Rio Grande do Sul. Encerram cenas e cenários de rara beleza, que aquecem nossos corações. Aos autores os cumprimentos do *Caderno de Literatura* pelo talento e pelos momentos de poesia.



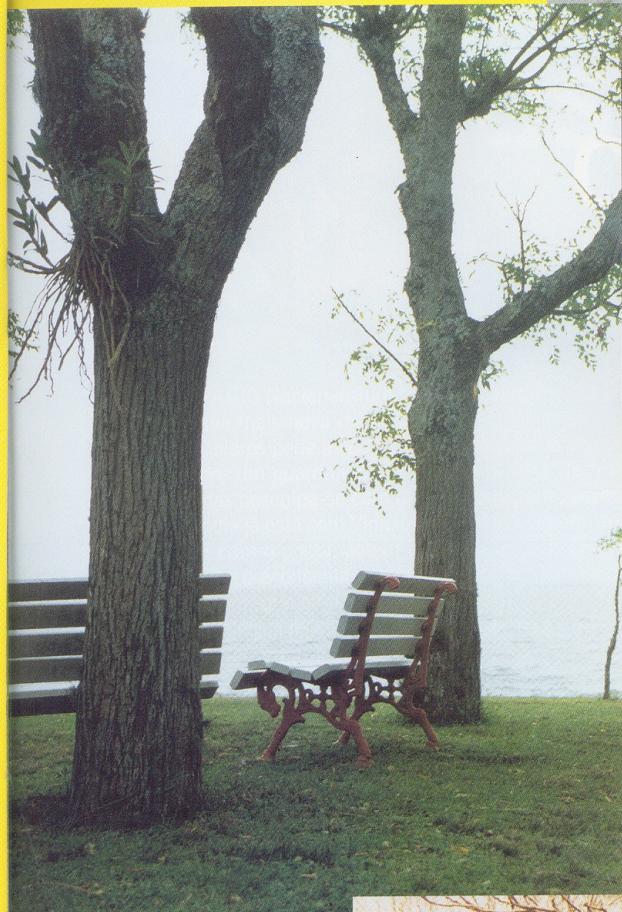
Memorial

Autora: Dânia Maria de Castro Moreira,
Arquiteta - RS.
Praça da Alfândega
Porto Alegre - RS.



Foro Municipal

Autor: Jorge Adrovaldo Maciel,
Oficial Escrevente.
Foro Municipal da Comarca de
Santo Antônio das Missões - RS.



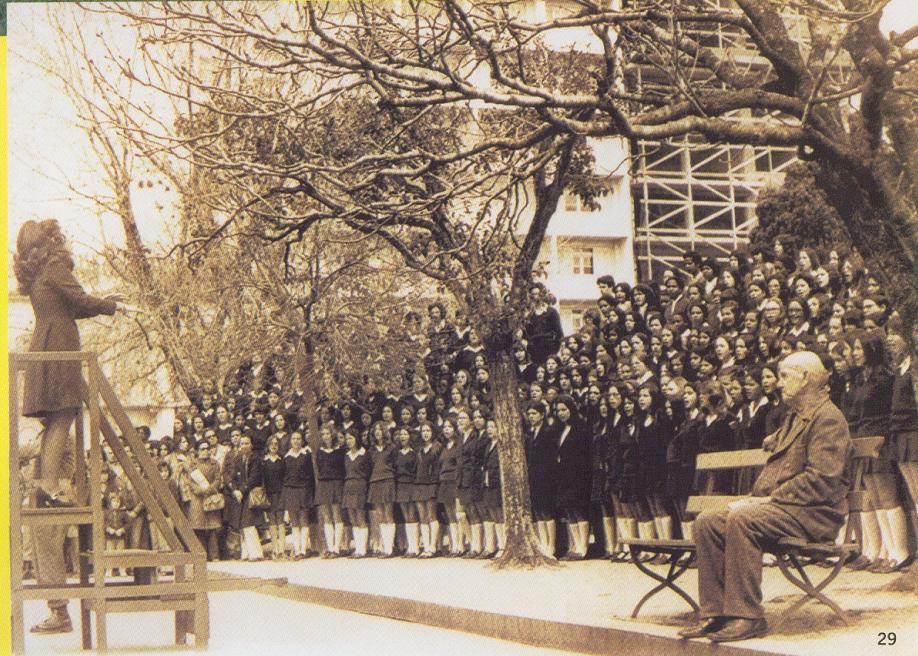
Pôr-do-sol do Guaíba

Autor: Hélio dos Santos, Escrivão da Vara de
Registros Públicos de Porto Alegre.

Meditação

Autora: Dânia Maria de Castro Moreira, Arquiteta - RS
Sede Campestre da AJURIS
Porto Alegre - RS

Contemplação ao canto
Autor: Itamar Resende Duarte,
Juiz de Direito Aposentado
Praça Coronel Pedro Osório
Pelotas - RS
(06/10/1972)



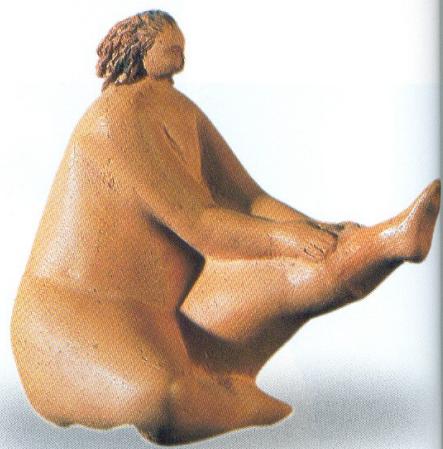
Ubirajara Lacava

galeria 3

Ubirajara Lacava

Porto Alegre – RS, 1938

Artista plástico que traz no currículo diversas exposições individuais e coletivas, Ubirajara Lacava também ministra cursos de escultura e cerâmica. As terracotas *As Mimosas*, algumas das quais aqui expomos, revelam serenidade, mistério, delicadeza e certa sensualidade, que envolvem e encantam o observador.



Série *As Mimosas*, 1999

Técnica: terracota múltipla

Tamanho: cerca de 15 cm

Acervo do artista

Porto Alegre - RS



Dolores e Ciro

Tito Madi

Dolores Duran I

RÁDIO Nacional. Tom Jobim ao piano mostra para Dolores sua mais nova melodia.

Dolores pede a Tom que repita a música algumas vezes e em um guardanapo escreve uma letra. Tom lê a poesia, mas desculpa-se com Dolores: que pena, Dolores, esta melodia já está com Vinicius de Moraes. Porém, ao se encontrar com o poeta, Jobim mostra a letra de Dolores. Vinicius lê e o aconselha: "é linda a letra de Dolores; fica com ela, Tom, que eu a abençô!".

A música se chama "Por causa de você", sucesso eterno.

Dolores Duran II

ESTA historinha a querida Mariza Gatamansa conta em suas apresentações.

Dolores Duran morava com outra excelente cantora da Rádio Nacional, a afinada e bonita Julie Joy. Num momento de raiva, Julie diz a Dolores:

– Qualquer dia me atiro desse sétimo andar e acabo com minha vida.

– Não faça isso – aconselha Dolores –. Quando cai uma casca de banana na área, o zelador já faz um escândalo terrível; imagine o que não fará com todo sangue que sairá do seu corpo. Ele vai ficar p... da vida com a gente.

Ciro Monteiro

O cantor e compositor Ciro Monteiro era, com certeza, o artista que mais me impressionava quando interpretava um samba.

Era marcante a personalíssima maneira como dividia os compassos de uma música sincopada.

Cantava sempre com alegria e com um sorriso contagiente, ganhando a atenção e os aplausos de um público maravilhado.

No convívio pessoal, era extremamente bondoso e amigo dos colegas.

Ciro deixou um acervo musical muito importante e é uma grande pena que não seja lembrado hoje pelas emissoras de rádio. Raramente se ouvem seus discos e sua

bonita voz.

Deixou também casos que fazem parte do anedótorio do rádio e da televisão.

Flamenguista doente, costumava presentear os filhos recém-nascidos de colegas com a camisa do Flamengo, mesmo que esses pais fossem torcedores de outros times. Nascia uma criança, menino ou menina, lá estava Ciro na maternidade com uma camisa de seu clube do coração.

Uma vez, Ciro me contou de sua preocupação de estar esquecendo partes das letras das músicas que cantava. Tive o atrevimento de ensinar ao mestre um truque: quando presentisse que iria esquecer a letra, deveria continuar movendo os lábios, dando a entender que o microfone falhara.

Algum tempo depois, Ciro me disse eufórico:

– Tito, está dando certo!

Quando foi internado, em estado gravíssimo, Ciro passou vários dias em coma. Recobrava, porém, alguns momentos de lucidez. Certo dia, enquanto tomava-lhe a pulsação e querendo testá-lo, o médico lhe perguntou:

– Qual é o seu nome?

Ciro abre os olhos e com leve e safado sorriso nos lábios responde:

– Roberto Carlos!

Algumas horas depois, falecia. Foi sua última pia-
da e nós ficamos órfãos de uma grande figura humana.

Ficamos sem sua alegria contagiente e sua picardia ao interpretar um samba.

Que Deus o tenha, Ciro!
E com toda certeza o tem!

*(Esta última historinha foi
pescada do livro História da
Música Popular Brasileira, de
Sérgio Cabral.)*



Foto do acervo do compositor

Tito Madi é cantor e compositor. Autor de clássicos da música brasileira como *Chove lá fora* e *Balanço Zona Sul*.

entrevista

Milton Gonçalves

Festival de Cinema de Gramado, 2001.
Milton Gonçalves faz a entrega do Kikito
de melhor ator para Tony Ramos.

11.08.2001. Foto: Gennaro Joneir - ZH.



Um povo sem teatro não é um povo civilizado

Jorge Adelar Finatto

Milton Gonçalves é um dos nomes mais importantes da dramaturgia brasileira. Mineiro de Monte Santo, está há mais de quarenta anos na profissão. Além de ator, é também diretor de teatro, cinema e TV. Trabalhou em mais de cem filmes, entre os quais *Macunaíma*, de Joaquim Pedro de Andrade, 1969; *Lucio Flávio*, *O Passageiro da Agonia*, de Hector Babenco, 1979; *Eles Não Usam Black-Tie*, de Leon Hirszman, 1981, e *A Morte da Mulher do Atirador de Facas*, de Heloísa Hell e Paulo Neto, 1994. Fez mais de trinta peças de teatro, entre elas *Ratos e Homens*, de John Steinbeck, 1957; *Chapetuba Futebol Clube*, de Oduvaldo Vianna Filho, 1959; *Revolução na América do Sul*, de Augusto Boal, 1960; *A Pena e a Lei*, de Ariano Suassuna, 1966; *Jornada de Um Imbecil Até o Entendimento*, de Plínio Marcos, 1969. Participou, ainda, de seriados, minisséries, casos especiais e novelas na Rede Globo, como *O Bem-Amado*, *Gabriela, Cravo e Canela*, *Saramandaia*, *Carga Pesada*, *Roque Santeiro* e *O Rei do Gado*. Neste ano acabou de ganhar, por *Conduzindo Miss Daisy*, os dois prêmios de teatro mais importantes do Rio de Janeiro: o *Governador do Estado* e o *Shell*.

De origem humilde, no início escolheu tornar-se gráfico. Foi aprendiz de várias profissões até começar no teatro amador,

com a peça *O dote*, de Arthur Azevedo. Depois, entrou para o Teatro de Arena de São Paulo, experiência essencial do teatro brasileiro entre os anos 50 e final da década de 60, aproximadamente. Ali conviveu com um grupo que buscava resgatar a realidade e o homem brasileiros. Foi companheiro de Gianfrancesco Guarneri, Flávio Migliaccio, Augusto Boal, José Renato e Oduvaldo Vianna Filho, entre outros.

A interpretação deste ator meticoloso e persistente está impregnada de muitos anos de estudo e trabalho. Nele se resume o artista impecável, senhor de sua arte. O conhecimento que possui foi adquirido em leituras e nos cursos que fez, como Jornalismo, por exemplo, na Faculdade Hélio Alonso. História do teatro, filosofia, arte, política, sociologia e literatura fazem parte de sua formação. Também é um atento e sensível observador da realidade brasileira. Observação cotidiana, feita na rua, nas diferentes formas de arte e nos jornais, estes lidos todas as manhãs na varanda de seu apartamento localizado na Praia do Flamengo, Zona Sul do Rio de Janeiro.

O fato de ser negro significa, para ele, uma consciência, uma visão de mundo e um sentimento de humanidade que o irmanam a todos os homens.

Caderno de Literatura: Milton, como foi a tua infância?

Milton Gonçalves: Antes de qualquer coisa, quero agradecer a gentileza de abrirem este espaço democrático. Minha infância foi igual à de milhares de brasileiros: dificuldade de adquirir conhecimento, falta de acesso à saúde, ao trabalho, ao lazer. Mesmo assim, por uma ajuda divina, perseverei e, com muito esforço e concentração, consegui algumas vitórias importantes. Conseguir ficar longe das drogas e do dinheiro fácil. Se estou aqui hoje é porque fui aprendiz de várias profissões. Entre elas, a de gráfico, que foi a ponte para o teatro amador.

O Teatro de Arena foi minha escola primária, meu segundo grau, minha faculdade.

A vontade de tornar-se ator surgiu quando?

Acredito que se eu fizesse um teste vocacional, daria, entre outras coisas, habilidade de representar. Em determinado momento de minha vida, descobri que era a vida que eu queria e, apesar dos conselhos de minha mãe – que Deus a tenha! –, mergulhei de cabeça, como em tudo o que eu faço. No teatro amador e depois num dos grupos mais importantes de São Paulo e do Brasil, o Teatro de Arena. Tive e tenho companheiros diletos, como Gianfrancesco Guarneri, Augusto Boal, Flávio Migliaccio, Oduvaldo Vianna Filho, José Renato e tantos outros de igual valor.

O que representou o Teatro de Arena na tua formação e na formação de outros atores?

O Teatro de Arena foi minha escola primária, meu segundo grau, minha faculdade. Ali buscávamos aprender as contradições do nosso País. Queríamos um teatro compromissado com o progresso do povo mais humilde; queríamos saber como e o que era o homem brasileiro simples; queríamos saber como ele falava, amava, odiava, andava, pensava.

Naquele ambiente político extremamente difícil, pós-revolução de 1964, como era trabalhar no Teatro de Arena?

Fizemos alguns progressos, porque tínhamos dentro de nós o desejo de mudar o mundo através do conhecimento e do convencimento cultural. Ainda não mudei este meu desejo. Militar no teatro em épocas difíceis sempre foi a nossa sinal. Apesar de restrito a uma sala escura e a uma cortina, isso incomodava demais. Foram dias ruins e tenebrosos.

Qual a importância do teatro num País como o Brasil?

Um povo sem memória é um desastre e o

fim de seu ciclo civilizatório. Um povo sem teatro não é um povo civilizado.

Poderias mencionar um momento inesquecível na tua carreira?

Um momento inesquecível foi quando recebi, em 1975, todos os prêmios de cinema pelo trabalho realizado em *Rainha Diaba*, um filme de Antônio Carlos Fontoura.

Quais são as tuas admirações na dramaturgia brasileira?

Todos os autores brasileiros, de uma forma ou de outra, contribuíram para melhorar a dramaturgia brasileira. Destacar um seria cometer injustiça com os outros.

Existem diferenças entre interpretar no teatro, no cinema e na TV?

O básico na formação do ator o habilita para atuar onde quer que queira, mas o fundamental é que ele, o ator, tenha a humildade de sempre estar alerta para aprender sobre as mídias em que seja solicitado a emprestar seu talento.

Para alguém que pensa em fazer teatro, qual seria a tua recomendação?

Ser ator, hoje em dia, requer não só talento, mas também cursar uma escola de teatro que tenha nível profissionalizante. Isso é necessário porque a profissão é regulamentada. Da mesma maneira que, em não sendo médico, eu não posso prescrever, quem não é regulamentado não pode atuar. Isso ao pé da lei, mas como às vezes a lei não é respeitada... Aconselho que se preparem de maneira conveniente, pois esta é uma das mais belas profissões.

Algumas obras literárias se transformam em bons filmes, minisséries, novelas ou peças teatrais. É mais fácil trabalhar a partir de um bom livro, adaptando-o?

É bom trabalhar com um roteiro bem escrito, independentemente de onde ele se origina.

Além do teu trabalho, que outras atividades exerce?

Sou um homem político e gosto de exercer a política quando as coisas não estão tão enroladas. A minha sensação é que hoje você não tem mais partidos com programas. Hoje não temos mais os grandes líderes, que se materializavam pelo trabalho de uma vida, pessoas nas quais se podia depositar toda a nossa confiança. Não temos mais os grandes tribunos, aqueles que nos lideravam. Eram pessoas às quais podíamos confiar nossos filhos. Onde estão esses seres maravilhosos... Esses líderes...

E no futebol, qual é o teu clube?

Sou Flamengo!! E não preciso dizer mais nada...

O nosso preconceito é perverso, porque ele é escondido, insidioso. Quando você menos espera, ele aparece.

A cultura brasileira está impregnada da influência das raças negra, indígena e branca. O Brasil é mestiço. Com exceção dos índios, somos todos imigrantes. O nosso País convive bem com essa diversidade?

O que eu quero é uma política voltada para reverter as tendências históricas, que conferiram às minorias e às mulheres uma posição de desvantagem, particularmente nas áreas de educação e emprego. Uma política que vise ir além da tentativa de garantir igualdade de oportunidades individuais ao tornar crime a discriminação, e que tenha como principais beneficiários os membros de grupos que enfrentam preconceitos. Enumerar aqui os átos, condutas e comportamentos preconceituosos e discriminatórios contra o meu povo – que significa, pelo menos, 50% da população do meu País – será tedioso, mas a nossa redenção, em particular, e do Brasil, em geral, reside na educação. O nosso preconceito é perverso porque ele é escondido; insidioso. Quando você menos espera, ele aparece, nos jogando com pedra e tudo ao fundo do vale. O nosso preconceito é um vírus inteligente. Não mata o seu hospedeiro, mas fica ali, permanente, esperando o momento para se manifestar, seja através de um olhar, uma repreensão, uma escolha, uma apresentação desastrada tipo: "Ele é negro, mas ...". Sempre achando que a linda loura de olhos azuis que se apaixona por um negro visa algum lucro, ou que a negra que se apaixona por um branco o faz por vingança.

O que representa a família na tua vida?

Minha família é o meu porto, meu alento, meu ar, minha vida. Minha mulher Oda é uma companheira maravilhosa, que sempre esteve a meu lado, me aconselhando, me repreendendo, quando estive laborando em erro. Meus filhos, Maurício, Alda e Catarina, são cultos, sensíveis, educados, generosos, respeitosos, amigos, leais e têm a marca da mãe, que sempre esteve ao lado deles quando eu estava fora buscando o pão. A formação humanista deles tem a marca registrada da mãe.

Qual a tua esperança em relação ao Brasil?

Espero que o Brasil reconheça o seu potencial, sua força de liderança, sua capacidade de produzir alimentos, de educar, de vestir, de tirar do relento tantos necessitados, de cuidar de seus alienados, de oferecer mercado de trabalho aos jovens, descanço aos mais velhos, e de perseguir com energia e disposição a paz de que tanto precisamos.

Visita

Arminido Trevisan

Nesta tarde tenho vontade de ir a Paris
e visitar o túmulo do poeta Cesar Vallejo.
Tenho vontade de ir a Montparnasse
e, diante de uma fria lápide de mármore,
parar, extraditar-me do frenesi
que zumbe nos meus ouvidos, e ofertar
ao poeta um buquê de silêncio.
Nesta tarde, coração, iremos juntos:
tu na frente, eu atrás, calado,
segurando nas mãos outro buquê,
o de tristezas latino-americanas.
Diremos ao poeta, em silêncio, sem mover
os lábios, como quem diz palavras de amor
a uma estátua que de repente abriu os olhos:
dir-lhe-emos palavras de amor.
Dir-lhe-emos que somos latino-americanos,
que, em nossas pátrias, a fome é a única herança,
e que um grito de indignação
flutua no leite que as mães dão de beber a seus filhos.
Dir-lhe-emos que nos crucificam sem madeiro,
que um moinho invisível nos tritura, como ao trigo,
e que, de nossos cálices, transborda
a ira de Deus misturada ao nosso suor.
Depois, humildemente, iremos embora, coração!
Tu na frente, eu atrás. Ao fim da tarde, sentaremos
num café de Paris, e beberemos uma taça
(de café ou de vinho) à memória de Cesar Vallejo.
Ficarás quieto no teu canto. Mas eu cantarei:
“Tenho ganas de viver, coração!”. E juntos abraçaremos
o primeiro homem que vier
ao nosso encontro.

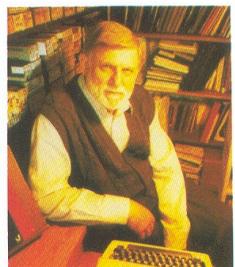
Subitamente

Subitamente iluminadas, as vemos
longe de pormenores que as sitiavam
numa casa, ou num restaurante. E,
com imprevista devoção, as pintamos
utilizando pigmentos onde o verde
é muito verde, e o vermelho, muito vermelho.
Por que, então, seus semblantes
têm a doçura do que nunca foi visto,
e a precisão do que sempre esteve
ao pé de nós? Mortas, elas se parecem
com o que desejavam ser, e as reencontramos
no bojo de uma liberdade que, antes, nos oprimia,
e agora é puro vôo.

Os Velhos

Quem pode penetrar na gente da velhice?
Imaginamos que os velhos se expatriaram
do mundo, e o contemplam do alto de uma colina
onde chegam, apenas, as andorinhas.
Lá estão eles, ao sol! Inunca à nossa agitação,
e até ao nosso carinho. Olham para um ponto
qualquer, e se contentam em olhar. Vivem
com um mínimo de respiração. Difícil saber
se estão alegres ou tristes. Se tiverem
lembranças, deverão estar tristes. Mas
quem pode garantir que tenham lembranças?
Nossos nomes já não lhes interessam, nem
lhes interessam os nomes das coisas. Por que
vivem então? És uma questão a que os vivos
não sabem responder, e os mortos já responderam.
Os velhos, a rigor, não têm obrigações
de responder. A sua existência é uma resposta.
Uma resposta aos que pensam que o tempo é um cavalo
Sem freio, e que os seus relinchos o acompanham.
Ninguém responde aos velhos sobre a única coisa
que lhes interessa: viver! Viver mesmo à beira
de uma vida recém-nascida a cada suspiro, a cada
pílula engolida.

Armindo Trevisan



Armindo Trevisan nasceu em Santa Maria - RS, em 1933. Está entre os principais poetas brasileiros da atualidade. Obras do autor: *A Surpresa de Ser* - Rio de Janeiro, José Álvaro, 1967 (Prêmio "Gonçalves Dias", da União Brasileira de Escritores). *A Imploração do Nada* - Porto Alegre, Galaad, 1971. *Corpo a Corpo* - Lisboa, Moraes, 1973. *O Abajur de Píndaro / A Fabricação do Real* - São Paulo, Quíron-MEC, 1975. *Em Pele e Osso* - Porto Alegre, Movimento-MEC, 1977. *O Ferreiro Harmonioso* - Porto Alegre, Movimento-MEC, 1978. *O Rumor do Sangue* - Porto Alegre, Movimento-MEC, 1979. *A Mesa do Silêncio* - Porto Alegre, L&PM Editores, 1982. *O Moinho de Deus* - Caxias do Sul, Editora da Universidade, 1985. *Antologia Poética* - Porto Alegre, Editora Mercado Aberto, 1986. *A Dança do Fogo* - Porto Alegre, Editora Uniprom, 1995. *Os Olhos da Noite* - Porto Alegre, Editora Uniprom, 1997. *O Canto das Criaturas* - Porto Alegre, Editora Uniprom, 1998. *Orações Para o Novo Milênio* - Org. e Trad. Editora Uniprom, 1999. *A Poesia: Uma Iniciação à Leitura Poética* (ensaio sobre a poesia) - Porto Alegre, Editora Uniprom, 2000.

Pedras de Stockinger

José Eduardo Degrazia

O volume do mármore
e suas reentrâncias,
a pedra negra, o basalto,
macho e fêmea os criou.
A pedra é flor,
cogumelo, nela
o espinho medra
e engendra o ato.
A superfície da pedra
é mar e Eros,
Deus desliza a mão
por dentro.

Espantalhos de Portinari

No meio do amarelo da terra
os espantalhos e os pássaros
entreolham-se estupefatos.
Os espantalhos crucificados
olham a montanha distante.
Árvores frutificam cheiros.
Na terra plantam-se os ossos
dos animais mortos e sós
na sombra dos espantalhos.

José Eduardo Degrazia é poeta e contista. Autor, entre outros, dos livros *Lavra Permanente*, *Cidade Submersa*, *A porta do Sol*, *O Atleta Recordista* e *Piano Arcano*.

Maiakovski

Álvaro Alves de Faria

Que aqui nestas ruas desprende-se o cheiro raro da manhã
e manhã não há mais nestas ruas finais.
Que na brancura do olhar as cenas são perversas
e o teatro ainda não começou na cara dos personagens.
Que aqui neste beco de sapatos longínquos
todas as distâncias se resumem no aceno que se corta na mão.
Que aqui as pessoas se despem com espadas de vidro,
se calam profundas se calam
em bocas invisíveis tecidas no pano inerte da tarde.
Que aqui não se descobrem caravelas
nem barcos que não partem nos rios distantes dos dias.
Que aqui há sombras grudadas nas paredes,
muros onde morrem as palavras
e as palavras morrem sempre numa sílaba vermelha.
Que aqui as aves não sabem e colhem as frutas e as sementes.
Que aqui a cidade desaparece nas janelas
onde os casais se transformam em ausência.
Que aqui o rosto é a máscara desconhecida do azul,
onde insetos se misturam no esterco entre os cavalos,
os bois e as ovelhas nas montanhas do nada.
Que aqui tudo se desfaz e inexiste
e a poesia é apenas o soluço desnecessário que pára na boca.
O lábio é o apelo que salta como saltam os gafanhotos entre as plantas,
como saltam os gestos paralíticos das mãos.
Que aqui o pássaro quebra as asas e permanece no espelho
com olhos sem paisagem.
Que aqui neste dia de setembro faz frio
entre a pele e a blusa de lã,
o casaco infinito das nuvens de Maiakovski
com um tiro no coração.
O sangue é vermelho e a camisa invisível,
as palavras sem som no corte do lábio,
a faca que corta que corta que corta que corta
e penetra no sonho.

(De *Animalâmina*, inédito)

Álvaro Alves de Faria é jornalista, poeta e escritor. Poeta da Geração 60 de São Paulo. Autor de, entre outros, *20 poemas quase líricos* e *algumas canções para Coimbra* e *Poemas Portugueses*, livros publicados em Portugal, e dos romances *Autopsia* e *Dias Perversos*.

Elegia ao Kursk

Newton Fabrício

27.10.2000

Que tristeza infinda morrer
no fim e no fundo dos
confins do mundo.

Que triste morrer assim,
nesse mundo gélido e úmido,
perdido na imensidão das águas,
distante da mulher amada e do sorriso dos filhos meus,
vendo os companheiros de armas e irmãos de infortúnio
perder, pouco a pouco, em lenta agonia,
a consciência, a humanidade e, por fim, a vida.

Que triste morrer assim,
na triste solidão
de um fundo sem fundo.

Que triste morrer
na sombria clausura dessa agonizante
nave submarina,
capaz de vencer o abismo das águas,
mas não o desatino e a
sordidez dos homens...

Newton Fabrício é Juiz de Direito em Porto Alegre - RS.

Deusa minha

José Nedel

Há tempo te apertei ao coração,
A derradeira vez, estremecida!
Pintou-nos o destino – e eu segui,
Carregando a saudade da partida.

Perdi teu rosto amigo, teu sorriso
Contagiante – e teus envolventes braços.
Inteira te perdi, ficou a ausência.
Tudo se foi, com a perda dos abraços.

Entretanto de novo espero um dia
Ao teu regaço amigo retornar.
É sonho – mas a dor já me alivia.

Ouve esta voz de súplica sentida:
Devolve-te aos meus braços, deusa minha,
Ou deito à sepultura a minha vida!

José Nedel é Juiz de Direito aposentado - RS.

Elegia à Lesma

Carlos Saldanha Legendre

II- Características: 1. Da Unidade

1.1

1.2

1.3

Tomo a cauda
mais seu sopro
(não divido
por espaços)

pois aquela
é esforço
transmigrado
de seu dorso

mas tão ela
quanto o é
esta gota
de esperança

que repinga
da moringa
nunca seca
de seu ser.

Não a nego
como nesga
de uma nuvem
esfarpada

pelo vento.
Alvos átomos
aliciados
de mil sóis,

sois o apojo
de um cometa
ordenhado
nas fronteiras

do universo
onde fúlgidos
se inauguram
novos mundos.

Ah! também
não a tenho
como a lágrima
de um gnomo

alumbrado
entre as rosas.
- Quem a quer
como um fruto

seccionado
gomo a gomo?
Quero-a plena
como um tronco

(não em lascas)
porque a quero
mais além
de sua casca.

Excerto do livro em preparo Elegia à lesma.

Carlos Saldanha Legendre é Desembargador - RS. Livros Publicados: *Canto ao mar de Piriápolis* (Ed. Rogilma, 1962 - 1^a ed.; Editora Cultura Contemporânea, 1998 - 2^a ed.); *Antologia da poesia brasileira contemporânea* (Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1986); *Inventário do canto* (Editora Cultura Contemporânea, 1971 - 1^a ed. e 2000 - 2^a ed.).

Pampa

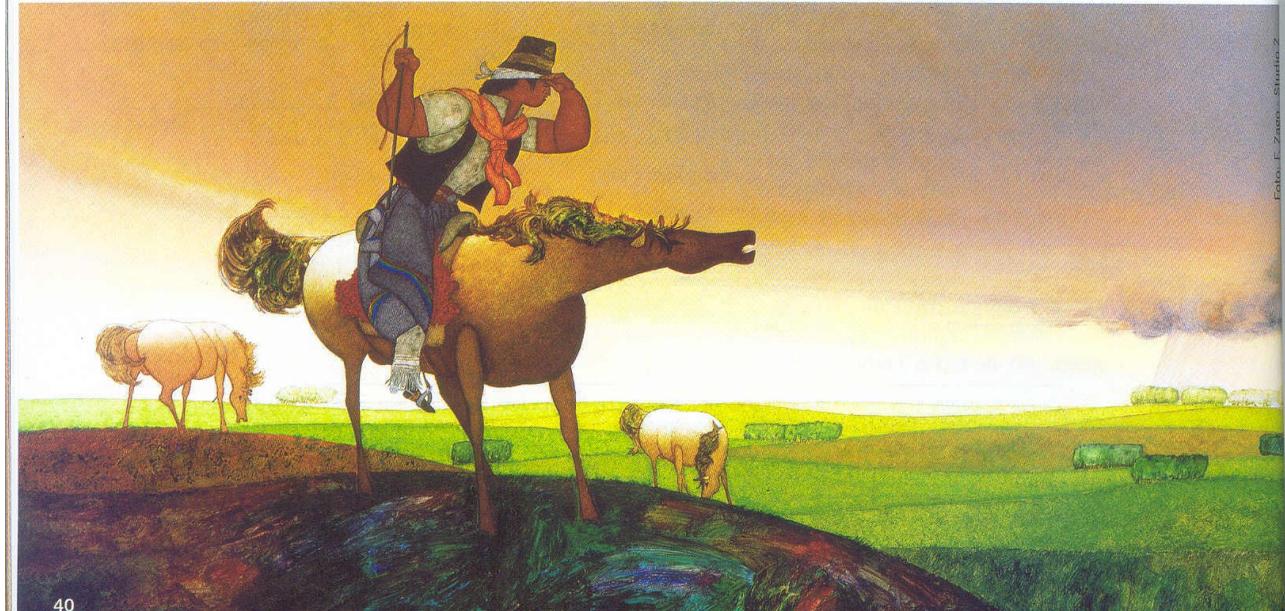
Viajo
reta deserta
solidão aberta
como uma ferida

Sempre nessa hora
meus mortos
e os que estão para mim
perdidos
como eles

Parece que surgirão
do campo
amplo
sem alarde
falando calmo
evitando o susto.

Umberto Guaspari Sudbrack é Juiz de Direito em Porto Alegre - RS. É Doutor em Direito pela Universidade de Paris 1 (Panthéon-Sorbonne), com a tese *O Extermínio de Meninos de Rua no Brasil - um estudo de Política Criminal*. Publicou poemas em revistas e no Caderno de Sábado do jornal Correio do Povo. Fez parte do Grupo Vereda, tendo participado das antologias *Policanto* (1975), *Em Mãos* (1976) e *De Corpo Presente* (1979).

Sem título, 1999. Obra de Nelson Jungbluth. Acrílico sobre duratex. 1,00 x 2,00 m.



Umberto Guaspari Sudbrack

Com chuva

"Il pleut doucement sur la ville..."
Arthur Rimbaud

Vontade
de caminhar
adolescentemente
pela cidade
a chuva
molhando meu corpo
ou ficar em casa
ouvindo chover
música e poesia
comigo

Saudade
do cheiro de alguém
distante
do plano
desfeito e refeito
magicamente

Vontade
de reviver
um tempo.

À Corregedoria

Ítalo Pagano Cauduro Júnior

São quase dezenove horas.
Finda mais um expediente, mais uma jornada.
Saber embarcar, saber desembarcar
são mistérios dessa vida.
Aqui encontrei velhos amigos, conquistei outros tantos.
Aprendi muito, mas, principalmente, pude brincar, sorrir
trabalhar com entusiasmo e alegria.
Foram grandes momentos.
Construímos uma bela equipe,
tão combativa quanto terna.
Trilhamos a boa trilha, lutamos a boa luta.
Mas é preciso ceder lugar ao novo,
desejar sorte aos que chegam.
Aos novos, que sejam tão felizes
quanto eu fui nesta Casa.
Que encontrem tantas amizades
quanto as que encontrei.
Aos que permanecem,
meu carinhoso abraço e muitíssimo obrigado.
Vocês são os melhores!!!
São quase dezenove horas.
Recordo a canção: “Já está chegando a hora de ir...”.
É momento de partir, grandes amigos já partiram.
É chegada a minha vez.

Ítalo Pagano Cauduro Júnior foi Juiz de Direito no Rio Grande do Sul. Nasceu em Porto Alegre em 16.11.1957 e morreu na mesma cidade em 05.12.2001. Exerceu as funções de Juiz-Corregedor de 11.11.1997 até 21.03.2000. Cumprida com destaque a atividade na Corregedoria-Geral da Justiça, antes de retornar à jurisdição deixou o texto que ora publicamos, numa homenagem ao grande Juiz e querido colaborador do *Caderno de Literatura*.

Beber

Selvino Heck

I

Beber:
do copo,
da lâmina,
das raízes onde brota o canto.

Na fresta da alma,
ensurdece o minuano.

O ruído das multidões está nas ruas.

Tempo de beber.
Um gesto acorda o mundo,
a palavra germina.
Falam os últimos dos continentes.
Os rostos que choram faz décadas
marcham rumo.

II

Cala-se a tempestade.
Como se amanhã não houvesse,
não se recebessem os raios do sol,
não se cantasse,
nada se ouvisse.

Há o que dizer,
se não for tarde
ou demais.
O novo nasce/não nasce
e o velho teima em respirar.

Cada um avisa
quanto vale,
o peso dado,
a medida.

O muro e a cerca existem
para se olhar por cima
e atravessar.

III

Se você berra
não gasta em vão a força.
Mas a pergunta volta sempre.
A dúvida:
o que virá?
Ou o velho atravessou o samba
não mais reluz
só há passado
sem futuro?

Se você pensa o ano
o dia próximo
como saber se a mercadoria
não restou exclusiva
os símbolos idem
o desejo de comprar
a coisa reciclada
cheiro cheiro de pronto
sem valor sem veias
sentido apenas de dinheiro e lucro
nada humano
nada verdadeiro
nada permanente
nenhum sinal de esperança.

Beber o quê
de onde para onde
qual matriz?
Ou a engrenagem devorou o tubo de TV
tudo igual tudo igual
nada próprio nada diferente?

Excerto do poema inédito Beber.

Selvino Heck é poeta e nasceu em Santa Emilia, Venâncio Aires - RS, em 1951. Colaborou no *Caderno de Sábado* do Correio do Povo. Participou das coletâneas *Em mãos*, *De corpo presente*, *Tropeí* e *Em mãos II* (em preparação). Atual Coordenador Geral do CAMP – Centro de Assessoria Multiprofissional. Ex-deputado estadual constituinte (1987-1990).

Princípio



Sem título, 2002
Litografia de Paulo Porcella
0,25 x 0,35 m

Eu te escuto, te escuto agora, quando a hora é esta hora, e a mão das coisas trança fibra por fibra a escuridão - e a esta rede, sobre nós lançada, chamaremos noite.

Pois fui breve, muito breve, o vento despastará a face desta hora (nossa única hora, nosso único rosto), consumirá o negrume deste fruto até torná-lo alvo e transparente como a pele de um membro - e a esta vinda chamarão madrugada.

Outras tentativas serão feitas, sendo manhã uma construção leve, o dia, larga sala aberta, e de finos sons e finos cheiros se fará a tarde.

Há coisas que fluem como rios, há coisas que esperam como pontes.

Nada é substituível e não te falo por enigmas. Nada é insubstituível.

Tua queixa é a minha queixa, tua lágrima, o sal do meu pão diário, tua perplexidade, a minha árdua perplexidade.

A vida das coisas pende por um fio se te calas.

Helena Jobim.

Helena Jobim é escritora. Publicou, entre outros, os livros *Antonio Carlos Jobim - Um homem iluminado* (Editora Nova Fronteira) e *Pressinto os anjos que me perseguem* (Editora Record). Irmã do compositor Antonio Carlos Jobim.